PAPO DE GALO_15

16/abr/2021

É tudo mentira.

PAPO DE GALO _ revista

A **Papo de Galo_ revista** é um projeto de **Gabriel Galo**. Ele também escreve, diagrama, administra e o que mais precisar. E desde a edição de número 10, a revista ganhou novo corpo. Piauí, me aguarde!

Somos **8 colunistas**, dentre jornalistas, escritores, analistas políticos, administradores, advogados, cronistas, filósofos, antropólogos. Isso sem contar os convidados especiais que marcarão presença nas pautas principais de cada exemplar. E vou mencionar *em passant* os planos de contratação de diagramador e ilustrador, para elevar mais um passo no conteúdo da revista.

Com isso, seu **apoio** é agora mais importante ainda. Apoie a produção independente de conteúdo!

Voltando à introdução tradicional, agora em primeira pessoa:

Eu sou baiano de Salvador, torcedor do Vitória, formado, mas não melhor que ninguém por isso, em Administração pela FEA/USP, pai, empresário e escritor. Isso cronologicamente falando. Escrevo coisas demais, sobre assuntos demais.

Publiquei em outubro de 2018 o livro "**Futebol é uma Matrioska de surpresas: contos e crônicas da Copa 2018**", contendo textos meus no Correio da Bahia e no Huffpost Brasil, além de alguns inéditos. Neste ano de 2020, lancei mais 2 livros novos de contos e crônicas: "**A inescapável breguice do amor**" e "**Não aperte minha mente**". Você pode comprá-los AQUI.

Estou **colunista** no programa **Futebol S/A** na Rádio Sociedade da Bahia, no **Arena Rubro-Negra**, o maior e melhor site de torcedores do Vitória, e no **Aprendizagem Jurídica**. Estive 3 anos e meio anos no **Correio da Bahia** e 1 um ano e meio no **Huffpost Brasil**. E estou sempre aí correndo atrás para quitar o boleto de amanhã.

Escrevo porque não tenho opção. Porque, por mais que tenha tentado outros caminhos, contar histórias é o que me faz acordar todos os dias com vontade de trabalhar. E vocês não imaginam como dá trabalho...

Ainda há muito mais por vir. Esta revista é só mais um passo rumo a sei lá o quê. O que importa, estou certo, é a jornada, não existe isso de linha de chegada. E faço um convite a você: vamos juntos?

Se o que eu escrevo faz sentido para você, considere **APOIAR** a revista. Assine. A campanha no Apoia.se está no ar esperando sua contribuição.

Ah! Eu sempre quero ouvir suas histórias. Quer conversar, propor pauta, criticar, o que for? Fale comigo!

facebook.com/souogalo
Instagram.com/souogalo
e-mail: gabriel@papodegalo.com.br

Abraço do Galo!

Faz tudo da revista: Gabriel Galo
Espero que em breve eu possa preencher este espaço com a equipe contratada para fazer a revista.
Uma publicação da Papo de Galo Comunicação e da Galo Consultoria.
Tiragem quinzenal. Revista online gratuita. Em breve, assinatura com edição física disponível. Quando? Não sei, pergunta difícil.
Enquanto isso, apoia aí, vai. Faz toda diferença.
Proibido reprodução total ou parcial dos textos sem autorização expressa dos autores.

AOS INVENTORES DE
REALIDADES. EXCETO
AQUELES QUE A
DISTORCEM POR
INFAMES PROJETOS.

Por GABRIEL GALO

O conteúdo desta revista é 100% autoral.
Proibido reproduzir sem autorização expressa do autor.
© Papo de Galo. Todos os direitos reservados.

Apoiadores

0005

APOIA.se

São Paulo, 16 de abril de 2021

REDES SOCIAIS _

@souogalo
@canalpapodegalo

@souogalo
@canalpapodegalo

@souogalo

gabriel@papodegalo.com.br

PAPODEGALO.COM.BR

COLUNISTAS DESSA EDIÇÃO

CASSIMILA EZNAB
Servidora Pública

@cassimilaeznab

Czssimila Eznab, admiradora das belezas, dos descansos, das comidas veganas, nasceu em 1984 em São Paulo, de família nordestina. É servidora pública e uma das autoras da newsletter @feganismo.

DURVAL LUCAS JR.
Doutor em Administração

@durval_lucasjr

Administrador de formação, capitalista convicto, Durval é um apaixonado por tecnologia. Professor de ocupação (EPPEN-UNIFESP), diverte-se interagindo em sala de aula e buscando soluções para os problemas do mundo.

EDUARDO GALDURÓZ
Juiz de Direito e cronista.

@eduardogalduroz

Eduardo Galduróz é um moleque abrindo Stanislaw. Subtrai, para si e para outrem, crônicas alheias móveis.

FLAVIA VASCONCELOS
Jornalista

@flavia.vasconcelosoliveira

Baiana. Escritora de histórias de vida. Entusiasta do Jornalismo literário. Autora do livro Antônimos - Narrativas de vida e arte.

FRANCIEL CRUZ
Jornalista e escritor

@fsmcruz

Celebridade de Irecê, Franciel é pós-graduado com phd em chibanças e dança de rato. É autor de “Ingresia” (P55, 2018).

GABRIEL GALO
Administrador e escritor

@souogalo

Baiano praticante desde 1982, Gabriel é administrador, empresário, pai e escritor, cronologicamente falando. Lançou 3 livros de contos e crônicas.

PAULO GALO
Advogado

in memoriam

Paulistano que fez de Salvador sua casa, era advogado orgulhoso formado pela UFBA, torcedor do Vitória e cronista dos melhores.

PAULO LEANDRO
Jornalista e escritor

@paulo.Leandro.7

Baiano do Saboeiro, Paulo Leandro é jornalista, filósofo em formação e professor doutor em Cultura e Sociedade.

>> APOIA.SE/PAPODEGALO <<

Tudo o que você lê, ouve e assiste aqui no Papo de Galo é essencialmente grátis. Mas boleto não liga pra isso. E a gente precisa de sua ajuda.

Você pode contribuir com qualquer quantia que puder e não vá lhe fazer falta no APOIA.SE. Que tal 10 reais por mês, só 2 cafezinhos? Bora?

ÍNDICE

_ QUEM DISSE QUE É MENTIRA?

7 Editorial
(por Gabriel Galo)

8 Ceci n'est pas la vérité.
(por Gabriel Galo)

18 A mentira como um dos lados da moeda chamada ciência
(por Durval Lucas Jr)

22 Vacina pra chifre
(por Eduardo Galduróz – Aquele Galduróz)

24 Quando a mentira se veste de lenda
(por Paulo Galo)

26 Dandão
(por Franciel Cruz)

30 Pontualidade suíça
(por Gabriel Galo)

34 A loja de discos da Afonso Sardinha
(por Gabriel Galo)

_ MANOEL DE BARROS

38 A dignidade do simples
(por Flavia Vasconcelos)

42 A virtude do inútil
(por Gabriel Galo)

_ FOTOGRAFIA

46 Praia da Paciência
(por Alice Gama)

_ UM. DOIS. TEXTANDO

50 Voto de Cabresto
(por Eduardo Galduróz)

51 Pepeta
(por Cassimila Eznab)

52 Ignorância é o dia
(por Gabriel Galo)

_ FOLHETIM

54 Tu és o grande amor da minha vida:
As aventuras da bola na cidade de Salvador (capítulo 2)
(por Paulo Leandro)

EDITORIAL

POR GABRIEL GALO

A edição passada da **Papo de Galo_ revista**, a #14, sobre o aniversário de Salvador foi um marco nessa pequena publicação. Os acessos à revista em .pdf se contou na casa de alguns milhares. No nosso site, o papodegalo.com.br, os acessos se sucederam na casa de dezenas de milhares. As matérias, perfis, ensaios, crônicas e afins foram compartilhados por muita gente que respeito e admiro. Até o Esporte Clube Bahia, ora, mas vejam!, publicou um dos textos, de Faustino Menezes.

Parece pouco para um portal ou grande revista de publicação, mas, veja, não é. Nos últimos dias, a mensagem chegou para dezenas de milhares de pessoas. E para uma publicação inteiramente independente, sem qualquer recurso, só no braço de um quase-lunático que entende que devemos criar nossos próprios espaços de comunicação, e com boa vontade de dezenas de pessoas para ter seu conteúdo disponibilizado, é um resultado que motiva. Estamos no caminho certo, seja lá qual é o caminho. Seguimos apenas com esta vontade e uma premissa clara de linha editorial: nada de notícias caça-clique, amplificar o debate de temas progressistas e dar voz ao máximo possível de pessoas.

O sucesso da última, claro, impõe mais desafios daqui pra frente. E esta edição sai com alguns dias de atraso.

No fim de semana dos dias 9, 10 e 11, por uma falha sistêmica, meu site ficou fora do ar. Isso atrapalhou a divulgação, *por supuesto*. E empurrou-se uma semana pra frente.

Mas hoje é terça, dia 20, não sexta, dia 16. Pois é. E a chave para isso foi o ensaio que abre essa revista na página seguinte. Um trabalho intenso de pesquisa para contextualizar a mentira sobre diversos aspectos.

E por que a mentira?

Porque num acesso de esperança, minha intenção era publicar este número no dia 2 de abril, após o da mentira. Tolo que sou. Nos primórdios, esta revista arriscou ser semanal, e estava levando a vida de quem vos escreve ao limite do cansaço físico e psicológico. O tema estava ali, dado. E ficou, mesmo com os adiamentos.

Ficou porque em era de pós-verdade, a mentira está em toda parte. Sublima-se fatos, abusando de gatilhos psicológicos manipulativos, para que a mentira ganhe corpo, inclusive assumindo as vezes de verdade substituta.

Nesta edição também vamos trazer muita literatura, fazendo o que podemos para amenizar um pouco que seja o ambiente. Mesmo que venha depois de um ensaio. Tem Manoel de Barros, texto *in memoriam*, microcontos e crônicas, fotos de Alice Gama e muito mais.

Boa leitura.

8

POR GABRIEL GALO

CECI N'EST PAS LA VÉRITÉ.

René Magritte.

ISSO NÃO É UM CACHIMBO.

Em “A Traição das Imagens”, obra marcante do pintor surrealista bela René Magritte (1898-1967) instigava a noção de realidade. Estava ali estabelecido o conflito inconciliável entre imagem e texto. O texto derruba a imagem, a anula, a inviabiliza. O que, então, interpretar como correto: a imagem ultrarrealista de um cachimbo – é um cachimbo, claro que é, sabe-se bem o que é um cachimbo! – ou a mensagem a negá-la?

As discussões em torno da obra de Magritte passaram a ser de outra monta. O que ela significa?

O entendimento comum remonta a um debate sobre a frase “Ceci n’est pas um pipe.”

Afinal, aquele não é exatamente um cachimbo, mas uma representação de um cachimbo. Portanto, Magritte brinca com essa noção de que a representação não é o objeto em si. Para muitos, a conversa termina aqui.

Mas, bem, a imagem grita. Aquilo, ora, é um cachimbo. Está lá, exibido num desenho perfeito, como se em catálogo de produtos. Sua forma exata afirma categoricamente ser o que o desenho diz que é.

A frase, contudo, escrita em perfeita letra cursiva, como um cartão de aprendizado infantil, diz que não. Assim, seria a explicação da representação x realidade suficiente?

Porque, vejam só, a frase também é uma representação linguística de um cachimbo, ou de um não-cachimbo.

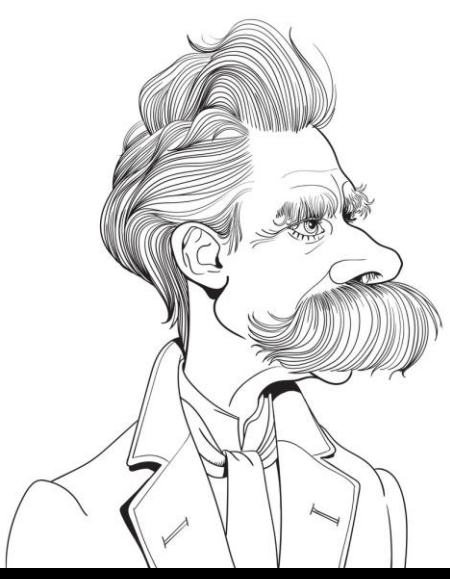
Seria este, pois, um embate entre linguagens, entre imagem e letra? Seria esta, pois, uma questão de predominância? Qual nos sentimos mais propensos a aceitar como maior? Ou não há predominância, é tão somente uma brincadeira, um tanto irônica, para provocar justamente essas reações décadas mais tarde sobre o real significado das coisas?

Voltemos, contudo, a um ponto em particular. Em como a frase pode contradizer a imagem, mas ao mesmo tempo complementá-la, dando-lhe interpretações além da frieza da associação direta instantânea.

A contradição da frase ocorre ao negar o que os olhos veem no desenho. O cérebro, então, racionaliza motivos – não é um cachimbo, é uma representação de um cachimbo, claro! – num exercício de preenchimento de sentido. Puxando o fio da representação, que contrasta e se choca com a realidade, transpomos este modelo de pensar para fora da tela de Magritte.

Ora, o que é, afinal, realidade? O que é verdade? Ampliando-se para a comunicação de massa, o que são notícias, senão representações de fatos – não o fato em si?

Escreveu o filósofo alemão **Friedrich Nietzsche** (1844-1900):



“Não existem fatos, apenas interpretações.”

Nietzsche afirmou isso na elaboração de questionamento e compreensão de moral e, consequentemente, da verdade. Assim, sua frase significa constatar a dependência essencial de ditas verdades em relação aos modos humanos de ver as coisas. Com o tempo, valores mudam, a moral muda, e mudam, por conseguinte, as verdades.

Nietzsche, por óbvio, não questionava aquilo que era impossível de ser contrariado, porque tangível. Direcionava seus pensamentos para construtos, para conjuntos abstratos de formação cultural coletiva. Nietzsche, logo, opera no campo interpretativo, no subjetivo, não no objetivo.

Há, contudo, diferença efetiva entre o que propôs Nietzsche com o que propôs Magritte e com o que se verifica em estudos científicos? Seriam até mesmo os itens mais objetivos – tais verdades inquestionáveis – passíveis de interpretação?

E se tudo é passível de interpretação, mesmo que a partir de conflitos propositais entre aquilo que se vê –fatos – e aquilo que se noticia – as representações destes fatos – sendo que esta segunda parte sofre pelos interesses diretos e indiretos de quem propaga a mensagem, ora, de onde sorver conhecimento?

Quem é, pois, a autoridade a sacramentar que a imagem sobrepõe o texto, ou vice-versa? Como identificar as intenções por trás de quem pintou uma obra? Ao transpor isso para a compreensão de realidade maior, qual o limite de dissonância entre realidade e interpretação somos capazes de suportar?

***

O CONFLITO EXTREMO ENTRE O ÓBVIO E O EXPOSTO

A IMAGEM DE MAGRITTE provoca inquietação maior porque o desenho e a frase são diametralmente opostos. Extrapola-se a questão de debate, e entra-se numa determinação essencialmente conflituosa. E como programados para a autoproteção, tendemos a fugir do conflito.

Assim, contradições absurdas tendem a chegar ao "será que é isso mesmo?". Normaliza-se o absurdo, trazendo à pauta comum. Diante desta calamidade de oxímoros afirmativos, nos pomos a questionar a nossa própria sanidade. O que estamos vendo e conhecemos como fato, seria tudo imaginação?

"Não é nada disso que você está pensando."
"Minha ex é louca."
"O comunismo quer dominar o Brasil."
"Eu sempre trabalhei pela vacina."

O mesmo efeito se dá quando estamos diante da maldade em seu estado mais cru. Nossa mente trava, e evita acreditar que é possível haver nível tão amplo de sadismo ou incompetência. Assim, justifica-se que "não é possível que um presidente seja assim tão perverso. Ninguém há de ser, num mundo tão gentil!; mais fácil que ele seja um incompreendido."

Internalizamos, pois, o conflito. Se outra pessoa contradiz tão firmemente o que estou percebendo como fato, não é a afirmação do outro que está descolada – livrai-me do conflito, ó, pai! – mas a minha própria percepção.

Outros estudos apontam como a pressão do meio é capaz de nos fazer moldar nosso comportamento de acordo com a verificação empírica. Um deles propôs uma série de exercícios matemáticos. Em certo momento, uma pergunta tão elementar como de saber generalizado era feita para um grupo de pessoas. A cobaia seria a última a responder. As primeiras – que eram parte do corpo de estudiosos – dariam respostas evidentemente erradas, mas iguais entre si. A última pessoa a responder, que numa situação normal tenderia a responder corretamente em mais de 98% das vezes, altera sua resposta – tão óbvia, tão estupidamente simples – para se enquadrar no grupo. Assim, apenas em 24% das vezes esta última pessoa responde corretamente. Ou seja: o comportamento do grupo nos leva a respostas e decisões, mesmo que sabidamente equivocadas, que buscam nos fazer encaixar naquele ambiente. Se o conflito um-a-um já é ameaçador, estar às margens de um grupo inteiro é cancelamento que não estamos pré-programados para aceitar.

Só que o elemento do conflito não vai embora. Ele permanece assombrando a pessoa que, num esforço desesperado de fazê-lo sumir, redobra a aposta na afirmação. Cega-se aos fatos, porque eles derrubam um sistema de interpretações que prevaleceu sobre a imagem irrefutável.

Não se argumenta mais o fato, mas unicamente a interpretação. E quando se suscita o diálogo de incongruência factual, o debate é eliminado – porque ameaçador – e restam apenas as paixões.

A construção das fake news parte desse pressuposto: eliminação dos fatos para se alimentar apenas sentimentos, preferencialmente violentos, pois mais mobilizadores, para direcionar a opinião pública para um determinado lado. No mundo da pós-verdade, é tática sobrecarregar o mundo da informação, descredibilizando os locais sérios – com viés de preocupação factual – que que dizem que tal desenho é um cachimbo, tornando tudo frase solta.

***

FATOS NÃO MUDAM MENTES

ESTUDOS CIENTÍFICOS atestam como percepções se tornam mais fortes que a realidade. Se uma pessoa é levada a crer em algo como verdade, mesmo que os fatos lhe contradigam, tende-se a se manter posição de concordância com aquilo em que acreditava inicialmente.

Um artigo escrito por Elizabeth Kolbert na New Yorker em 19 de fevereiro de 2017 – traduzido por Breno França no Papo de Homem em 15 de março do mesmo ano – ganhou destaque ao levar argumentos científicos para mostrar o quanto somos sugestionáveis. Quando levados a acreditar numa interpretação dos fatos, os fatos em si pouco importam. Isto significa que mesmo pessoas aparentemente sensatas são, com frequência, completamente irracionais.

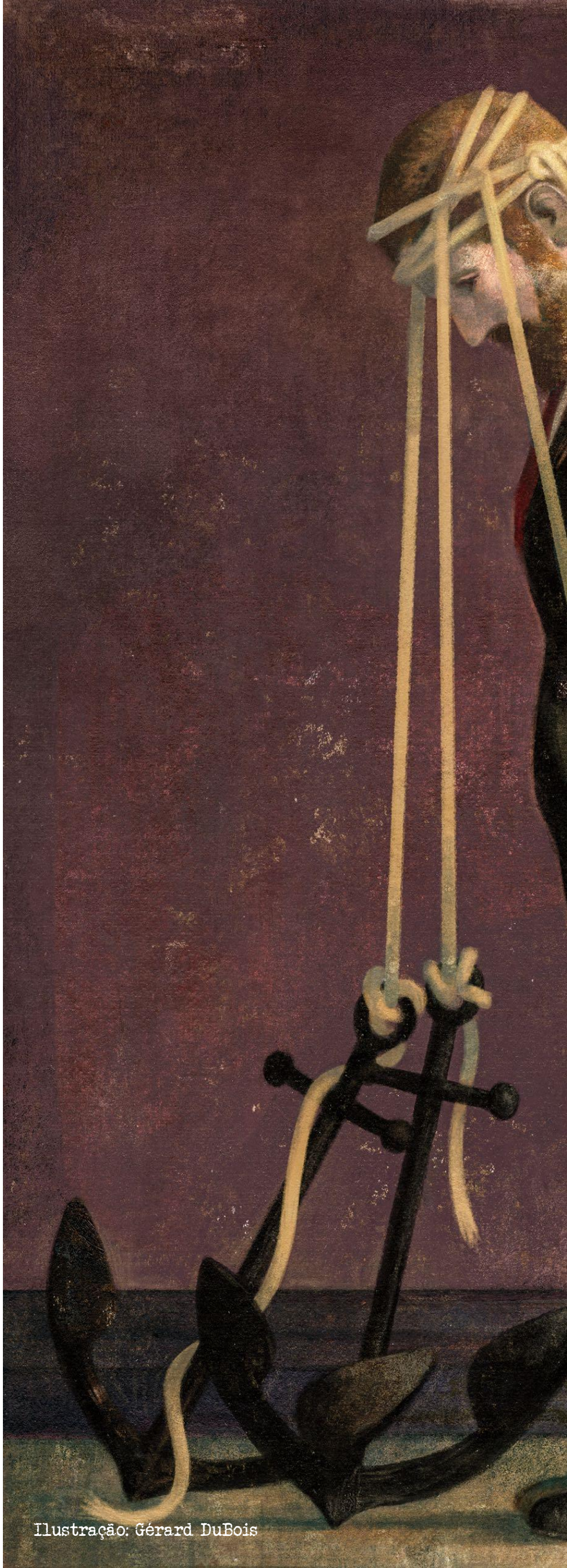
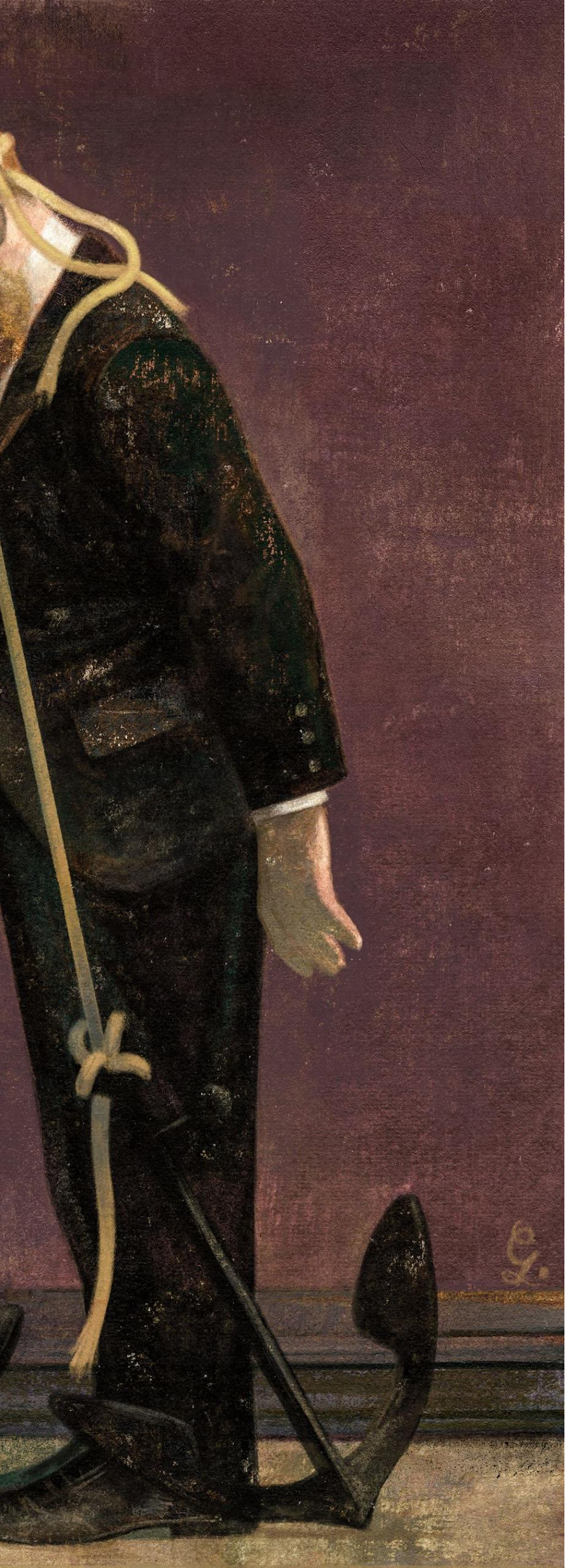


Ilustração: Gérard DuBois



Estes estudos se complementam com os que comprovaram que as nossas decisões, mesmo as que, em teoria, exigem mais racionalidade, são, de fato, primordialmente emocionais. A decisão sobre algo vem instalada, e a racionalizamos utilizando pedaços de informação que corroborem aquilo que queremos. É assim que se dá o viés de confirmação: buscamos sempre validar aquilo que já pensamos.

Adicionalmente, quando crenças são confrontadas com dados, tende-se a se retrair ainda mais na defesa de seus ideais.

Os estudos de Stanford citados por Kolbert no artigo da New Yorker trazem um aspecto mais instigante para a questão. Num primeiro olhar, tendemos a achar que esta defesa de crenças se torna possível quanto mais estamos imersos. Não é exatamente o caso. Mesmo em situações inteiramente novas, aceitamos as sugestões recebidas e as compreendemos como verdadeiras, mesmo quando se afirma categoricamente que se tratava de um experimento sem bases factuais.

(Rápida digressão: é notório perceber o quanto somos, mesmo quando adultos, suscetíveis a estas sugestões sem sentido, mesmo sabendo serem vazias de significado, sejam elas positivas ou negativas. É de se imaginar o nível de agressão psicológica grave que reforços negativos causam em crianças. Dizer desde cedo que “alguém não é capaz” é algo difícil de ser contornado.)

O que se vê é que somos amplamente sugestionáveis. É fato que o nível de imersão eleva a defesa irracional das crenças. Mas a abertura está ali desde o começo. E entendo que mais nos tornamos vulneráveis às interpretações de terceiros quanto maior é o elemento de autoridade percebida.

***

O EFEITO DUNNING-KRUGER

ESTE CONCEITO DE SUGESTIONABILIDADE fica evidente quando analisamos a curva do **efeito Dunning-Kruger**. São justamente os que têm menos conhecimento sobre um tema que exageram sua confiança neste mesmo tema.

As fake news atacam exatamente esta brecha. Tão mais poderosas são aquelas mentiras que queremos crer serem verdade. Tão mais poderosas são aquelas que nos fazem questionar nossa sanidade. Tão mais poderosas são aquelas que se mantêm afastadas de fatos, por serem mais difíceis de serem justificadas.

A tática, logo, deve obedecer a um equilíbrio: inundar as pessoas de mentiras com viés de confirmação, ao mesmo tempo que anula a exposição a fatos. E se fatos não mudam mentes, anular os fatos é estratégia mais de atração do que de retenção. A tal ponto que as pessoas são incapazes de distinguir realidade de ficção.

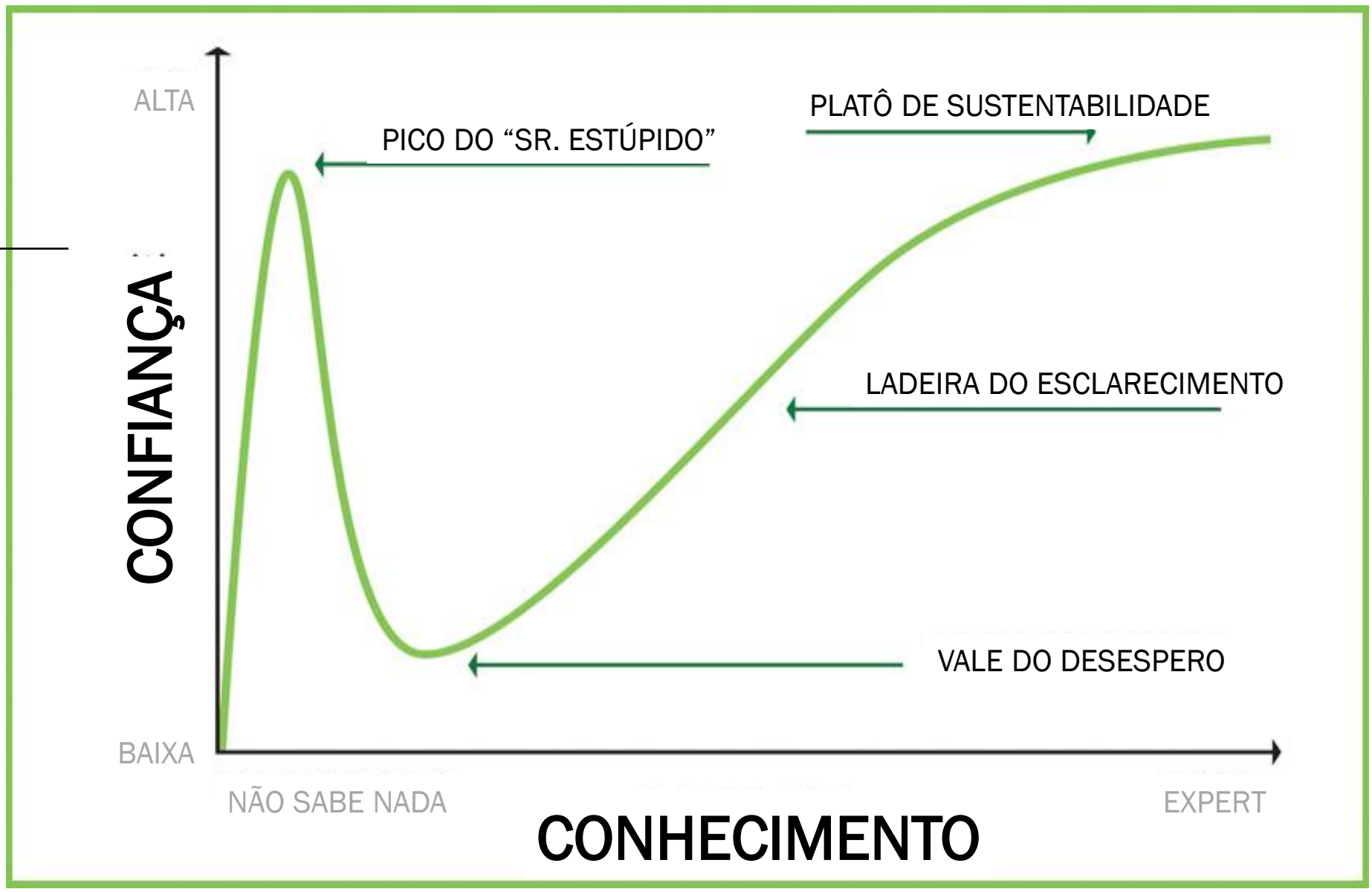
***

A GUERRA CULTURAL

NÃO É À TOA QUE A IMPRENSA É CONSIDERADA o quarto poder. A comunicação é o meio para a exposição de fatos. A consolidação do poder político se dá pelo controle dos meios de comunicação. Muitos são os caciques do poder que detêm cadeia de comunicação, pronta para se adaptar aos interesses de seu líder.

Num cenário em que as mídias tradicionais perdem poder, e a alteração de tecnologia amplifica essa mudança, buscam-se criar renovados modelos integrados de comunicação.

Não se trata apenas de rádio, televisão, jornais e revistas, mas também podcasts, Youtube, portais, colunistas independentes, redes de distribuição de conteúdo via redes sociais. No desmoronamento de instituições tradicionais estabelecidas, as novas mídias, com ampla capacidade de apelar a vieses de confirmação, aumentam seu alcance.

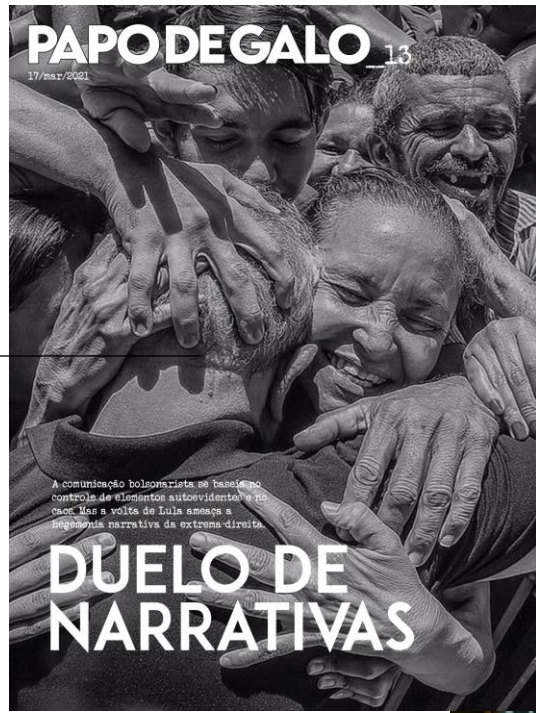


No extremo do apelo comunicativo, alheio a fatos, o governo federal brasileiro se dá ao luxo de focar integralmente na guerra cultural, na alimentação de medos e inseguranças para viabilizar uma ruptura institucional definitiva.

O que está em jogo é o **controle de narrativas**. O controle do sentimento coletivo.

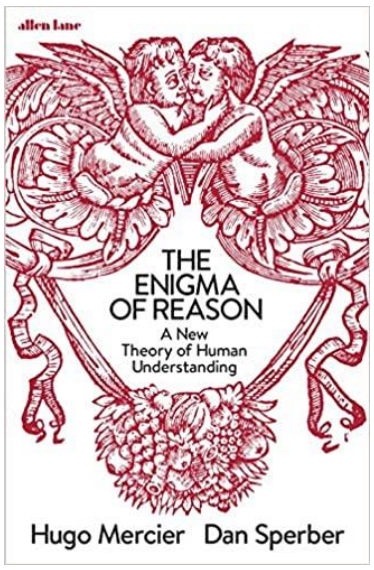
Quem controla o discurso coletivo – e consequentemente o **discurso autoevidente** – tem muito mais poder nas mãos.

Como, então, romper este ciclo de mentiras fabricadas?



***

O ENIGMA DA RAZÃO



No livro ***The enigma of reason*** (o enigma da razão, em tradução livre), Hugo Mercier e Dan Sperber trazem contexto à questão da razão. No livro, eles elaboram conceitos que, confrontados com a realidade de momento, indicam um caminho.

A maior vantagem de nós, humanos, sobre outras espécies é nossa habilidade de cooperar ininterruptamente. Executamos tarefas corriqueiras confiando no bom trabalho de outras pessoas. Alguém não precisa saber como um vaso sanitário funciona para saber operá-lo. Ao compartimentar saberes, criamos um senso de todo complexo, e valioso.

E como nasce a razão?

Em artigo na Folha de S.Paulo em 23 de abril de 2017, **Helio Schwartsman** escreve que:

> **“Para os autores, a razão não se desenvolveu para nos aproximar da verdade nem para nos tornar mais sábios (ainda que possa fazê-lo), mas, mais mundanamente, para fazer com que fôssemos capazes de justificar nossas ações e persuadir nossos pares a tomar nosso partido.”**

Ou como escreveram Mercier e Sperber,

> **Razão é uma adaptação que os humanos em nichos hipersociais desenvolveram para si.**

Do ponto de vista colaborativo, em que uma parte não tem conhecimento do todo, o ser humano precisou desenvolver a razão para justificar sua participação colaborativa, para confirmar a sua validade perante questionamento de outros.

Ou seja: a razão é evolutiva.

E se moda à realidade de momento. O viés de confirmação – ou viés do meu lado, como os autores preferem chamar – é algo enraizado na nossa mente. E nos leva, como vimos antes a atitudes irracionais.

Percebe-se, por este viés de confirmação, o quanto as redes sociais prejudicam nossa capacidade de socialização, que é o molde da razão.

A premissa das redes sociais é gerar engajamento. Recebemos uma dose de dopamina ao nos vermos aceitos pela coletividade. E quanto mais homogêneo é o grupo, mais fácil é obter engajamento. Enviam-se conteúdos específicos para catapultar reações – e como vimos, quando mais guturais, melhor, e estamos todos suscetíveis a sugestões, mesmo as mais absurdas, quão maior for a percepção de autoridade de quem afirma – e nos enclausuramos em bolhas de pensamento igual. E ao se anular a divergência, perde-se a capacidade de nos moderarmos em nossas opiniões e julgamentos.

O comportamento virtual difere do presencial. A agressividade descontrolada das redes cai no presencial. Absorvemos filtros sociais para nos adaptarmos e nos protegermos.

No livro, Mercier e Sperber sugerem a questão de que os vieses de confirmação mais ameaçadores à vida humana – como porte de armas, ou destruição da Amazônia – são eventualmente substituídos. Talvez quando se é tarde demais. Nossos vieses de confirmação, no mais das vezes, caem por terra quando confrontados no extremo, diante da irrefutável realidade. Irrefutável realidade? Ora, mas isso existe mesmo?

***

FATO COMO PREMISSA

REALIDADE IRREFUTÁVEL EXISTE NA EXPERIÊNcia individual direta. E mesmo diante dela, muitos têm dificuldade de abandonar um sistema de crenças tão fortalecido.

Já na comunicação, como exposto, tudo é passível de interpretação, está sujeita a interesses. A distância para o local impessoaliza a experiência. Absorver notícias é, pois, uma questão de confiança.

Mas se os agentes de informação estão sujeitos a interesses às vezes desconhecidos, moldando a representação factual, como separar?

Está no artigo 3º do **Código de Ética dos Jornalistas**:

"A informação divulgada pelos meios de comunicação pública se pautará pela real ocorrência dos fatos e terá por finalidade o interesse social e coletivo."

A diferença maior entre meios de comunicação, pois, é o ter o fato como premissa.

Questione-se como for – o questionamento em si é válido, faz parte de uma sociedade com livre propagação de ideias – as linhas editoriais de certos veículos. O Estadão e seu liberalismo "E o PT?", a Folha e um pseudo progressismo "dois ladista", o Globo e os acordos que tenta acobertar com tantas conexões e interesses sombrios. Todos estes, e muitos outros, são válidos pois partem, em linhas gerais, de fatos.

Distorcê-los, selecionar trechos e elementos para expor sua narrativa, é tarefa de qualificação da informação. A mentira aqui vem disfarçada como contação, como semiótica. Interesses próprios não são deixados de lado porque impossível. O viés do meu lado é elemento evolutivo, inerente ao ser humano.

A extrema-direita, por outro lado, apela ao não fato. O equilíbrio é manter a curva do efeito Dunning-Kruger no ponto que maximiza a confiança, enquanto o conhecimento é ínfimo. Aqui, a mentira é invertida e tratada como verdade universal. O mundo dos fatos ocorre a partir de verificações de narrativas fantásticas, de mundos místicos e teorias da conspiração.

Só que o sentimento de pertencimento é algo construído com cuidado no ciclo da extrema-direita. A atração de membros é positiva. A mensagem é de uma luta nobre, de fazer parte de um grupo de moral autoevidente, que absolverá o entrante de todos os pecados e culpas pregressos, oferecendo um salvo conduto a partir da conversão para perpetuar o que lhes convier, contanto que a fidelidade ao líder seja incondicional. Na conversão, todos são especiais, os mais cultos (vide a comunicação de Olavo de Carvalho), os mais patriotas, os mais honestos. É um grupo normativista, que prega a definição específica de ser humano ideal, com manual de existência e opiniões certas.

Já no lado progressista, o discurso é de exclusão permanente. Nele, a postura autoevidente é mais arrogante: não há remissão dos pecados. Tanto pelo contrário. Migrar de lado é estar exposto a julgamentos constantes. Qualquer falha, por menor que seja, representa ser sacrificado no tribunal do cancelamento da pureza progressista, que adota um modelo de atuação essencialmente segregacionista.

(QUINO, *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 384)

Perceba-se a diferença: um lado oferece acolhimento e perdão; o outro, exige expiação de culpa e julgamento incessante. É realmente assim tão difícil imaginar por que tantas pessoas – não, nem todo mundo é fascista – buscam abrigo na extrema-direita?

Ou se entende como este lado progressista pode atrair os muitos insatisfeitos com a incompetência genocida que bate na porta das pessoas via verdade irrefutável, ou viveremos em meio aos gritos de propagação autoevidente.

A chave para que se amplie a migração dos que uma vez estiveram na extrema-direita, em meio à mentira irrestrita, é dada pela própria extrema-direita: **acolhimento**. É preciso de alguma maneira esvaziar o lado que propaga falsidades. É urgente romper a bolha.

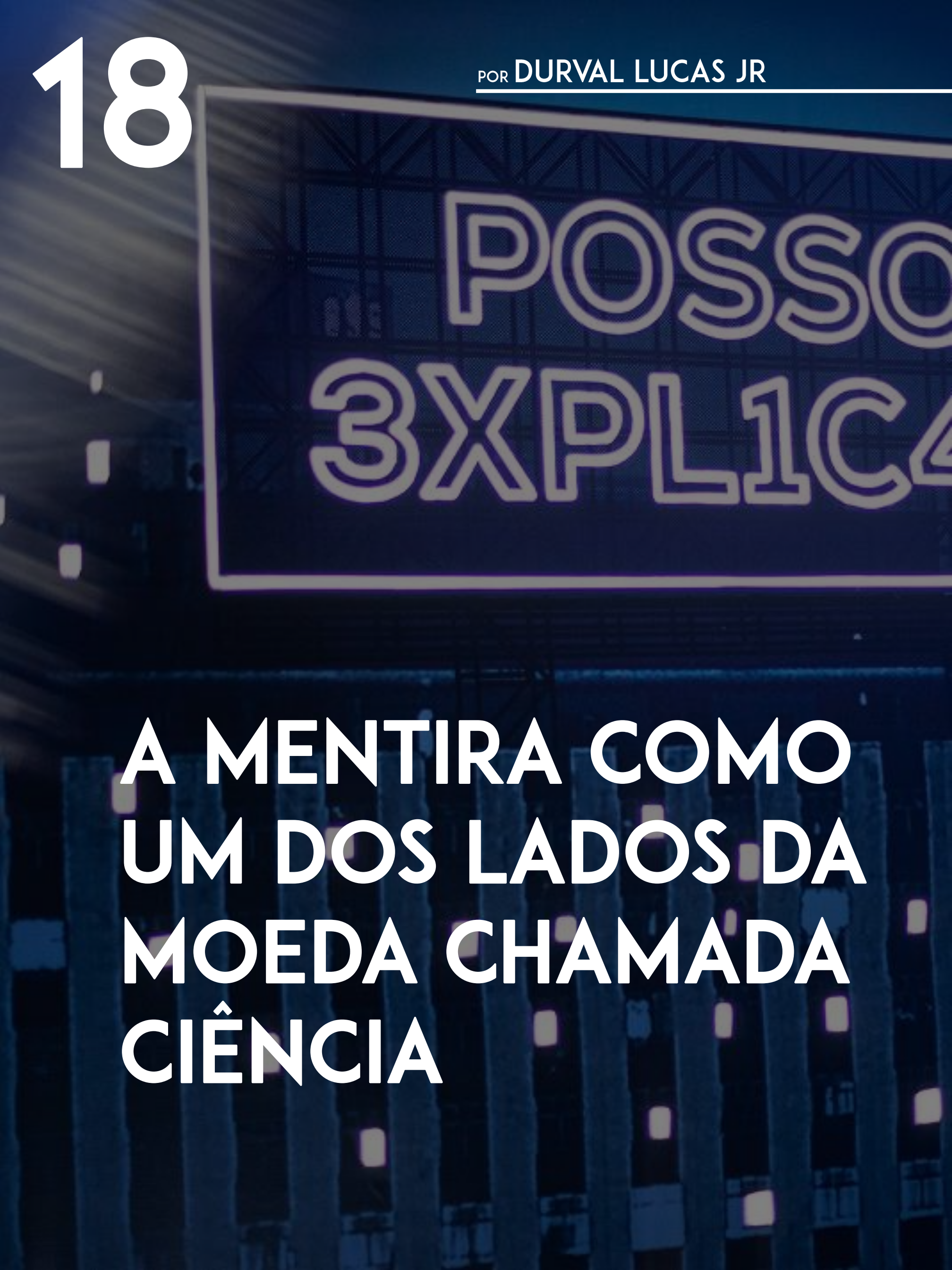
O perigo da criação de bolhas permanecerá. Os conteúdos apocalípticos continuarão existindo, apelando ao medo e às inseguranças de todos nós. É a regra do jogo da era da pós-verdade, e que beneficia justamente os que operam alheios a fatos. Como inverter as regras do algoritmo a favor do lado progressista?

Diante da desumanidade, só gestos humanos de acolhimento podem desestruturar a seita. Não me refiro, neste caso, aos líderes do projeto, nem àqueles que dele se valem. A estes, tribunais de Direito são mais adequados. Falo da base, da gente que não ganha nada, que se entrega por crença, pois este mundo é tudo a que têm acesso.

E então, uma vez restabelecido um tom mais harmonioso da comunicação, poderemos voltar a debater semântica.

É tudo mentira, mas tem mentiras que são mais mentirosas que as outras.

POR DURVAL LUCAS JR



A MENTIRA COMO UM DOS LADOS DA MOEDA CHAMADA CIÊNCIA

Dias atrás, um *teaser* sobre o novo *talk show* sobre ciência da **National Geographic**, chamado "Posso Explicar", chamou minha atenção para o momento desafiador que estamos vivendo. Em uma passagem do comercial, **Fabio Porchat** comenta que "falar de ciência no Brasil ficou perigoso", evidenciando a triste realidade de que associar a ciência com a verdade tem sido um verdadeiro ato de resistência política em nosso país. Infelizmente, mais um resultado destes tempos turbulentos, em que se tornou comum pessoas se apresentarem levianamente como experts – principalmente nas redes sociais – para falar mentiras descaradas.

Se, ao pensarmos em ciência, naturalmente pensamos em verdade, não se pode negar que a mentira também está intimamente relacionada com a ciência. Pensando nesta aparente contradição, comecei a me questionar sobre as diversas possibilidades em que a mentira se relaciona com a ciência. Desse questionamento, surgiram alguns pontos que gostaria de dividir com você ao longo deste texto.

O mais básico, na minha percepção, é posicionar a mentira como objeto de estudo. Antropólogos e cientistas sociais versam sobre a mentira como elemento de coesão social e formação de vínculos, seja pelos contos de fadas que nos trazem orientações sobre os comportamentos que devemos seguir, seja pelas pequenas mentiras que falamos no quotidiano para agradar uma pessoa querida ou fugir de uma situação embaraçosa. Psicólogos e psiquiatras estudam as doenças relativas à mentira, à fantasia – as mentiras que contamos a nós mesmos ou aos outros – e os consequentes desvios de personalidade, como a mitomania. Comunicólogos e analistas do discurso estudam a mentira como elemento intrínseco da construção de certas narrativas, e seu impacto na história e na condução sociopolítica de um povo. Enfim, muita gente estudando a mentira, sob diferentes perspectivas.

Há também a mentira que ganha credibilidade, métodos e procedimentos científicos, e acaba se consolidando como pseudociência. É claro que isso acaba se relacionando um pouco com as convenções sociais e o com o repertório cultural de toda uma sociedade, transformando-se na famosa "mentira que não faz mal a ninguém". Dentre os vários exemplos que poderiam ser mencionados, a astrologia é a mais famosa das pseudociências: todo mundo sabe que não faz o mínimo sentido a posição dos planetas na hora exata do nascimento afetar diretamente a personalidade de uma pessoa, mas o fato é que ninguém resiste a dar uma lida no horóscopo quando pega o jornal do dia.

Todavia, desvios como o terraplanismo – apesar de soar aparentemente inofensivo para alguns – fazem bastante mal a toda a sociedade pois, na busca por diminuir a credibilidade da ciência, passam a disseminar o desinteresse pela ciência verdadeira, com o terrível potencial de atrasar o desenvolvimento tecnológico e social como um todo.

Outro ponto que a mentira desponta é como subterfúgio para a construção ideológica. Do mesmo jeito que se dizia que existiam raças superiores na humanidade, legitimando a barbárie do racismo, há quem utilize a ciência como instrumento de ratificação dos próprios pressupostos ideológicos. Nesses casos, o método científico é utilizado para garantir que o pressuposto ganhe credibilidade, sendo consequentemente adotado por outras pessoas mais propensas a argumentos científicos. Seja no processo de formação, seja na prática diária de pesquisa, qualquer cientista se depara com essa questão, pois a linha entre perspectiva teórica e ideologia sempre foi bastante tênue. Isso não significa que todos os cientistas estejam corrompidos, ou que o viés ideológico seja o "calcanhar de Aquiles" da ciência. Significa que, quando os vieses não são tratados com a devida ética e responsabilidade, os resultados de pesquisas corrompidos pela ideologia podem promover completas distorções da realidade.

Certa vez, li num post de um grupo de pesquisadores que era necessário adotar reformas econômicas "fundadas no bom senso". Ora, desde quando a ciência pode se sustentar num conceito tão difuso quanto o bom senso? Quem, para esse grupo, estabelecerá o que significa bom senso? Lógico que eles próprios, e de acordo com o que lhes convier.

A mentira pode também ser utilizada no processo de comunicação científica, ou seja, no processo de apresentar resultados de pesquisas para a sociedade. Ainda que esta discussão esteja um pouco relacionada com o item anterior, neste caso a ideia é utilizar estatísticas ou dados verdadeiros para, na apresentação, manipular a percepção dos receptores da mensagem, fazendo uma releitura da forma que mais convém ao emissor. Basta lembrar das polêmicas que envolvem os dados sobre as mortes por COVID-19 e o andamento da vacinação no Brasil: enquanto o discurso do governo federal tenta fugir dos números absolutos de mortes usando a taxa de mortes por 100 mil habitantes – que supostamente colocaria o Brasil num lugar menos vergonhoso, pois nos compararia com países de população menor que a nossa –, apresenta justamente os números absolutos quando se refere ao número de vacinados, ignorando totalmente a coerência do discurso. É como se bananas e laranjas, só pelo fato de serem frutas, fossem perfeitamente comparáveis entre si, e pudessem ser tiradas da cesta na hora que fosse mais conveniente para quem fala.

Por fim, a perspectiva que eu particularmente considero a mais interessante de todas, que é a mentira sendo encarada como parte do processo evolutivo da própria ciência. Ou seja, a partir do momento em que uma nova verdade científica se estabelece, a verdade anterior torna-se automaticamente uma mentira. Em seu tratado sobre a dialética intitulado "**A arte de ter razão: 38 estratagemas para ganhar um debate sem estar certo**", **Schopenhauer** fala que é necessário sabermos o que é a maldade, não necessariamente para usá-la, mas para conseguir identificar a maldade no outro, e saber como se defender dela. Se fizemos o paralelo com a verdade e a mentira, a mentira poderia ser considerada o caminho para a verdade, de modo que, se reconhecemos a mentira é porque asbemos o que é a verdade, ou de onde ela vem.

Portanto, a partir desta percepção sobre o papel da mentira na ciência, acredito ser possível nos conectarmos ainda mais com a ciência, e conectarmos definitivamente a ciência com a verdade. A mentira não precisa ser vista como um problema em si. O problema está na forma como a usamos do ponto de vista científico e social, e quais as consequências do seu uso. Afinal de contas, não é por acaso que temos um dia dedicado à mentira, mas não temos um dia dedicado à verdade.

22

POR EDUARDO GALDURÓZ

VACINA PRA CHIFRE

Zé Cobra finge repouso, ornando o fim de mesa. As cartas descansadas junto ao copo, um palpite na sinuca, desinteressante. Cobra lazarenta, carrega o casal preto como quem tivesse de seis e dama. Sinaliza o parceiro, apruma o para-pé. A primeira deixa os patos fazer, que eles voltam com fome. E eles fazem, de três matando nada. Zé Cobra só espera Tião de Lurde, na sua canhota, gritar-lhe o ouvido. Truco, caipora. E ele vai fazer o que sempre faz. Olhar pra baixo, afetar raciocínio e, do nada, esgoberrar as veias do pescoço, é meia-dúzia seu frouxo. Ele repassa a jogada na cabeça, antegoza, cobra maldita. Tião de Lurde vira de um gole a cachaça, esvazia de um tiro o copo de cerveja, se dirige ao parceiro. Venha.

— Se foda, eu vou falar!

Zé Cobra se empertiga, a íris se arregala no rosto impassível, vem lazarento, pula na faca. Mas estranho. Tião de Lurde larga as cartas, bate na mesa, rosto afogueado.

— Zé Cobra, eu vou falar.

Fala, orelha seca, truca logo que a seizada tá na goela.

— Eu vou falar! Zé cobra, TU É CORNO, Zé Cobra!

(...)

Se tinha verdade ali era essas duas. A primeira: Tião de Lurde era amigo bom, homem direito, ele próprio não frequentando outrem que não Lurde, a não ser em zona, que zona não conta. Notícia de chifre é aviso ruim de dar, ele achou o jeito lá dele. A segunda: Zé Cobra era corno. Olimpicamente corno. Corno tanto que, mal Tião de Lurde se pronunciou, esvaziou-se o bar pela metade, recibo claro das verdades no anúncio.

Ah, Maria Rita.

Trabalhadeira que era um pé-de-boi; alta e magrona feito trator patrola. Uma joia. Engatou e desmanchou três noivados seguidos, três moço bom, de cidade. Não se agradava de aliança e papel escrito, tudo estraga-rabicho, rabicho bom demanda liberdade e largura de consciência, cognome safadice. Zé Cobra, trinta anos mais velho, ofereceu as duas coisas. Liberdade e safadice. Mais casa e horta. Levou Maria Rita no bico, noivado rápido, casamento de cartório.

Ninguém não falou de regra, mas Zé Cobra sabia o que cumprir. Observava bem a hora de chegar em casa, produzia barulho, gostava não ver. O rabicho de Maria Rita pagava, pra ele tava bom, orgulho de macho é atrasa-vida.

Até vir o Tião de Lurde e descacetar tudo. Uma coisa era ele, Zé Cobra, saber e fingir que não. Que fosse. Outra, diversa, era todo mundo saber que ele sabia. Aí demandava atitude pública; corno até se admite, corno manso é bicho feio.

Preguiça.

Maldito Tião de Lurde, carola dos inferno.

(...)

Chega em casa Zé Cobra, ultimoso. A mulher faz um dengo, o homem se desvencilha. Proclama:

— Maria Rita, acabou mentira nessa casa! Agora suncê vai rezar certinho tudo que é homem que suncê me enganou. Anda. Tudinho."

Maria Rita, cândida:

— Mas assim de cabeça é difícil..."

Sucede que Maria Rita era mulher, e forte, passo que Zé Cobra era homem, e fraco. Ela começa a desenrolar a lista, voz gorda, gosto nos lábios. Zé Cobra doído, doido:

— Até ele? Mas, ara, que eu não piso mais em missa."

— Uai, já não pisava, acha que eu fiz como?"

Zé Cobra dá jeito de interromper a humilhação.

— Tá bom, tá bom. O resto suncê passa por escrito.

Maria Rita arrecua, resmunguenta: se o homem não sabe nem ler...

(...)

Zé Cobra bruxo velho, truqueiro de bar. Conjuminou arranjo pro impasse, manteve o casamento, apagou a fama de boi.

Solução manhosa, parapé de zapespada.

Acertou-se o seguinte: dos rabichos da esposa, Zé Cobra passaria ser o primeiro avisado. Da boca dela mesmo. Anulava-se, assim, a principal característica do corno, de ser o último a saber, desnaturava-se a triste figura, desfazia-se o galhoso ornamento.

Zé Cobra feliz, Maria Rita exultante: não só manteve os rabichos como galgou posto de mulher mais honesta da cidade: avisado o marido, ninguém podia dizer que a esposa o enganasse. Nem Lurde, cavalo-de-padre, seria capaz de tamanha transparência.

Vacina pra chifre, tecnologia brasileira. Me diga aí casamento mais sucedido.

Maria Rita, de quebra, manteve o gosto de blefar. Cada rabicho, encantado pela voz gorda da mulher, se imaginava o único, coitado. Zé Cobra gostava. Tanto que, visse um deles passando pela rua, o homem, superior e risonhento, vaticinava:

— Alá o corno...

POR PAULO GALO

QUANDO A MENTIRA SE VESTE DE LENDA

Foi num encontro de ex-alunos da Escola Técnica Federal da Bahia, no final do ano passado, que reencontrei um professor do curso de Geologia, anos sumidos das vistas um do outro.

“Ah, você mora no Santo Antônio, Galo? Que legal, minha família tem uma ligação histórica com aquele lugar, sabia? Meu bisavô foi quem destruiu, com um tiro de canhão, uma das torres daquela igreja. Ele era comandante da Marinha!”

Não entendi de onde vinha o orgulho dele diante do feito, mas também não dei muita bola, pressentindo que ouvia mais uma deslavada mentira promovida ao status de lenda após anos e anos de entusiasmadas narrativas.

Tão convicta quanto às que afirmam que a Igreja de Santo Antônio só tem uma única torre, onde está instalado o sino, por causa de um raio, que destruíra a outra torre, certa feita.

Junte-se a elas a “informação”, fruto de muita “pesquisa”, dada pelo dono de um boteco que fica no Largo, que assegura que a igreja foi erguida com apenas uma torre por que a Igreja Católica usava como critério de arrecadação para a Diocese exatamente o número de torres. Segundo ele, a tabela de preços era absurda para as casas de Deus com duas torres.

Pois foi que na semana passada conversava com um antigo morador do bairro sobre uma outra lenda baiana, a do Esporte Clube Bahia, e tomei a decisão de tirar a história da torre a limpo. Fui procurar o velho pároco do Santo Antônio, Monsenhor Gilberto Pithon, em sua casa.

Gilberto foi o padre daquele lugar de 1975 a 2000, quando aposentou-se após 50 anos de sacerdócio. Mora ali mesmo, no velho Largo, cercado de lembranças e livros. É autor de 10 deles e tem profundo conhecimento histórico da paróquia e do santo.

Riu das histórias que lhe contei e rapidamente despiu-as exibindo documentos e fotos publicados em uma de suas obras, em que consta uma imagem feita da igreja no final do século XIX, quando ela não tinha torre alguma.

É isso mesmo, a 4ª e definitiva igreja erguida no velho Largo de Santo Antônio Além do Carmo para o louvor do santo—que era o padroeiro das forças militares lusitanas—simplesmente nunca teve duas torres. Sua única torre foi incorporada ao imóvel no começo do século XX, para abrigar o sino que está lá até hoje. Apenas isso.

Despedi-me do velho padre rindo dos heróis do passado e dos “historiadores” do presente. E com uma certa compaixão pelo professor, tão necessitado de fazer-se representado, de alguma forma, em atos que marquem a história de um povo, de um lugar. Mesmo que isso seja apenas uma mentira sincera.

Mas quem poderia reprovar-lhe o gosto da crença em uma lenda? Vivemos tantas delas diuturnamente ao registrar o que a imprensa publica, o que os políticos prometem fazer, não é mesmo?

Pior: quantos de nós empenhamos tempo, energias, esperanças num amor que até as pedras sabiam que fora erguido com vigorosas lajes e colunas de sonho, prometendo uma vida feliz no futuro e entregando desassossego e frustração no presente?

Mentiras e seus estágios mais elaborados pelo tempo, as lendas, estão aí pra quem quiser contemplar e mesmo viver por conta delas.

Tá valendo também, só não pode é reclamar depois, dizendo que foi enganado, né?

POR FRANCIEL CRUZ

DANDÃO PROFISSÃO: SABE-TUDO

No dia 30 de maio de 2017, recebi a funesta notícia de que meu querido Dandão abandonou este vale de lágrimas. Pra mim, já é, desde sempre, uma das datas mais tristes dos últimos tempos, pois o tinha na conta de ídolo e mentor intelectual.

Óbvio que meus imensos defeitos e outras inconsequentes mumunhas não podem ser debitados na maltratada, finada e aliterada conta do sujeito, mas o pouco que sei, este quase nada, devo muito a ele, especialmente no campo das culhudas.

Sim, Dandão era um dos últimos sabe-tudo de verdade desta província lambuzada de dendê e presepadas, da mesma estirpe do historiador Cid Teixeira.

Claro que o conhecimento de Dandão não tem nada a ver com a falsa sabedoria deste povo das propaladas redes sociais. Ele sabia porque sabia, nasceu assim, sabendo. E, quando não sabia, inventava verdades com a convicção dos sábios. O sacana só não soube se despedir. Foi enterrado no domingo, dia 28, e nem pude dar meu último adeus. Então, reproduzo um rabisco sobre o ilustre personagem escrito há dez mil anos. Recebam.

Meu amigo Dandão é daquele tipo de gente que os xibungos mudernos diriam que já fez DIUMTUDO.

Calma, minha comadre, num é nada disso que a senhora tá pensando. Tal definição é porque o referido já laborou nas mais diversas áreas, de jornalista a corretor de imóveis (se bem que este exemplo que larguei não foi muito feliz, já que uma profissão é praticamente igual à outra). No entanto, a verdade é que, além de uma catilogência extraordinária, o indigitado ainda possui um poder de convencimento dos 600 DEMÔNHOS.

Há pouco dias, este rouco e faminto locutor estava comendo uma deliciosa Jamile Picante na Budega de Zé, no Garcia (olha a propaganda aí, meu craque, depois faça um abatimento na conta), quando um disgramado de um cachorrinho ficou rebolando embaixo da mesa mais do que a Moça do Shortinho Gerasamba.

Perguntei ao garçom quem era o proprietário daquela entidade – e ele apontou na direção de uma ribanceira à esquerda. Para que o furdunço canino não atrapalhasse o prazer dos comensais, lá fui eu levar o bicho na casa do dono.

Bato na porta e quem aparece? Raimundo Nonato? Não, Dandão, o próprio. Antes que eu devolvesse seu animal e falasse os tradicionais boa noite, como vai, há quanto tempo, ele já foi logo querendo me catequizar para que eu me tornasse revendedor de uma nova "e excelente" marca de perfume.

É graça uma porra desta? Logo eu, que nem perfume uso. Mas sigamos, pois não há surpresa.

Dandão, conforme já dito, entende da zorra toda. É você dizer que tá com gripe, e ele já passa logo um remédio, uma infusão de ervas misturada com gengibre, pitanga e outras mumunhas. E não é recomendável questioná-lo, pois o sacana sempre saca logo do coldre a seguinte: "Receito isso não por charlatanismo, mas sim porque já estudei muito o assunto e já trabalhei bastante tempo em laboratório de fórmulas com plantas medicinais...".

Se o problema é no seu carro, que tá soluçando mais do que atriz de novela mexicana, Dandão receita o conserto sem ver nem saber qual a marca do veículo. "Com certeza, é no radiador. Existe também um mau contato nas velas. E digo isso com a experiência de quem já estudou muito sobre o tema e trabalhou bastante tempo numa importante oficina...".

Pois muito bem. *Per seculae seculorum*, nunca houve problemática que não aparecesse com a solucionática (beijos, Dadá Maravilha).

Certa feita, para que vocês tenham ideia do portento, Dandão estava relatando qual era o caminho para resolver até mesmo o ancestral problema de mobilidade desta engarrafada província que, entra gestor e sai gestor, sempre tá piorando.

Diante disso, restou apenas a pergunta fatal: "Dandão, tem alguma coisa que você não saiba?". Depois de muito matutar, ele respondeu: "Pilotar foguete".

Quando todos já nos preparávamos para vibrar por saber que nosso amigo não era um superhomem infalível, mas apenas humano, demasiadamente humano, ele retomou a palavra e murmurou: "Pilotar foguete, pilotar foguete...".

Nova pausa – e o indigitado arrematou, um tanto quanto desolado e reticente:

"Pilotar foguete, pilotar foguete... eu tenho uma certa dificuldade".

Pois muito bem. Diante de uns textos lambuzados de erudição, arrogâncias e convicções que tenho visto aqui & alhures, o menino Dandão é apenas um aprendiz de feiticeiro. Por isso, advirto aos amigos sabichões que frequentam este insalubre recinto: debreiem, debreiem muito, pois Deus, mesmo não existindo, tá vendo tudo isso e num aprova, não, criaturas.

APOIA.se
/PAPODEGALO

“Que é isso, Chicó? Já estou ficando por aqui com suas histórias. É sempre uma coisa toda esquisita. Quando se pede uma explicação, vem sempre com “não sei, só sei que foi assim”.

João Grilo,
personagem d’O Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna

POR GABRIEL GALO

PONTUALIDADE SUÍÇA

Previsibilidade era a tônica de Antonio. Aprendeu desde menino a lição do pai, que repetia o mantra, traumatizado que era, ao rebento, “nunca chegue antes da hora em casa. Vai saber o que você vai encontrar. Evitar surpresas mantém a saúde de um homem.”

E Antonio via dentro de casa os efeitos da surpresa se manifestarem de maneira desagradável. O pai nunca se refizera do susto de ter chegado em casa e ver sua esposa deitada com seu melhor amigo, padrinho de Antonio. Apesar de ter permanecido casado, perambulava sem eixo na vida, até se despedir melancólico, repetindo ao filho o mesmo que sempre o lhe aconselhara em vida. “Ouça bem o seu pai, meu filho. Nunca chegue antes da hora em casa. Vai saber o que você vai encontrar. Evitar surpresas mantém a saúde de um homem.”

Quando conheceu Amélia, Antonio soube estar diante daquela com quem passaria o resto dos dias de sua vida. Aceitavam-se mutuamente com carinho e dedicação, preocupados que eram com a saúde e o bem-estar de sua metade.

Mas Antonio não se esquecia dos ensinamentos de seu pai. Na medida em que seu relacionamento avançava, procurava manter uma rotina imutável. Diariamente, sem atribulação que alterasse o cronograma, saía para o trabalho e retornava precisamente no mesmo horário.

Batente se iniciava às oito horas da manhã, seguindo às dezessete horas, deixando-lhe duas horas, antes e depois, para navegar no trajeto desde e para casa.

Era tempo mais que suficiente. Na ida, costumava bater ponto antes do tempo, o que lhe acumulava horas extras, renda extra que absorvia com agrado. Quando porventura o tráfego aliviava a viagem da volta, fazendo-a mais rápida que de costume, Antonio diminuía o passo, fazia paradas estratégicas em mercados, e o que mais precisasse para que, controlando o tempo no relógio, pudesse, enfim, entrar em casa precisamente às dezenove.

No pulso, Antonio levava o único relógio em que confiava. Com precisão suíça, sofria ao imaginar render-se a engrenagens que não as suas, sem estarem ajustadas tal qual o Big Ben londrino. Recusava os relógios do escritório, os do computador em que trabalhava, e mais quaisquer outros que lhe cruzassem o caminho.

Evitava, pois, surpresas desagradáveis, conforme ensinou seu pai. Com pontualidade suíça, às seis horas manhã ganhava o mundo, para às dezenove horas regressar ao conforto do lar, onde tudo era esperado. Deixava à esposa a liberdade de se ajustar à sua rotina, como lhe conviesse.

Naquela manhã de outubro, Antonio, como sempre, partiu no horário combinado. Viu as ruas estranhamente vazias. Sua condução passou em horário fora do padrão. Algo estava obviamente fora do lugar.

Chegou ao escritório, para vê-lo praticamente vazio. Era um dos primeiros a chegar. Fitou o relógio, que o acalmou. Era, pois, o horário correto. Bateu seu ponto e tomou sua baia, como sempre o fazia.

As pessoas foram chegando aos poucos. Enchiam o escritório com seu falatório, ao que Antonio procurava se manter indiferente. Não era de se misturar muito. “Não se sabe o que esperar das pessoas, são imprevisíveis!”, dizia, justificando ausências em encontros e almoços.

Saiu para a refeição, como de costume, sozinho. Refeitório também estranhamente vazio.

Voltou para casa e o trânsito estava livre como nunca estivera. Uma hora bastou para que se visse perigosamente perto de casa. Passou no mercado para comprar algumas coisas que sabia estarem faltando. Na farmácia, buscou o remédio que há tempos adiava começar a tomar. Na padaria, comprou os itens para o jantar. Quando se viu na hora certa para prover seus passos na medida exata, partiu para casa, feliz com sua regularidade de que tanto se gabava.

No que se chegava em frente de sua residência, seu vizinho, com quem raramente conversava, estranhou vê-lo naquela hora.

— A essa hora em casa, Antonio?

Antonio não entendeu.

— Na mesma hora de sempre, vizinho. Aqui, ó — mostrou o relógio — pontualmente dezenove horas.

— Ih, Antonio, acho que hoje deu ruim, hein?

— Como assim?

— Agora são dezoito horas, Antonio!

— Que dezoito, o quê! Ajustei eu mesmo ontem pro horário de verão antes de ir dormir. Pontualidade suíça, este danado desse relógio não atrasa um segundo sequer.

— Ele pode não atrasar, mas que está errado, tá. Porque o horário de verão esse ano foi cancelado, Antonio.

— Como é?

— É, ué. Cancelado. Presidente baixou decreto, cancelou horário de verão. Pelo que eu sei, até os computadores mudaram a hora, mas que são dezoito horas agora, são.

Antonio se desesperou. Jamais deixaria passar erro tão boçal. Ouviu passos vindos de dentro de casa. Olha o relógio, incrédulo. Podia ver e ouvir seu pai em reprovação ao descuido. “Eu avisei, Antonio... Eu avisei!”

Respirava ofegante, sem saber o que fazer. Os passos cada vez mais próximos da porta. “Evitar surpresas mantém a saúde de um homem.”, repetia para si. Tremia, esbaforido. Deixou as compras caírem, levando a mão ao peito. Somatizou tanto a surpresa que autoinfligiu-se surpresa desagradável.

Acordou horas mais tarde no hospital. Sua esposa cuidadora a seu lado.

— Me perdoe. Prometo que isso nunca mais vai acontecer.

— Ora, tomara mesmo que não!

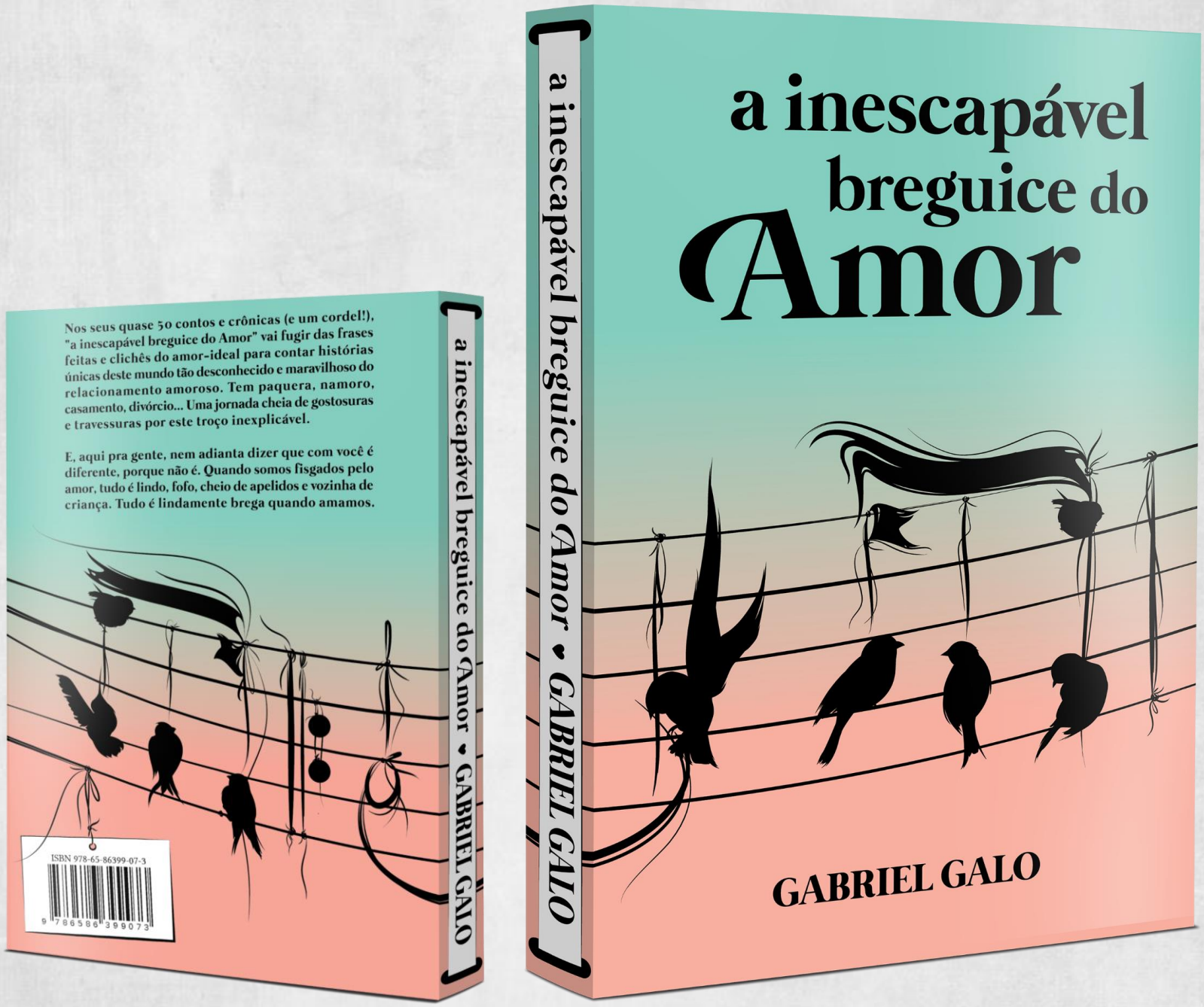
A resposta vaga de sua esposa o fez incrementar a neura. Seria este “tomara mesmo que não” um desejo de que se cuidasse para que não mais sofresse o infarto que sofrera, ou um de que nunca mais adiantasse a hora para não provocar maus súbitos da descoberta do que acontece fora de hora?
Previsível como é, calou-se sobre o tema. Pediu o relógio de volta. Ajustou-o para uma hora antes. Sua esposa se fez acompanhante durante à noite.

Pela manhã, como de costume, serviu o café da manhã, mesmo que do hospital, às cinco e meia. Às seis, despediu-se com um beijo na testa do esposo.

— Até mais tarde, amor. Nos vemos às dezenove, ok?

Ele assentiu sorrindo. Sabia estar diante daquela com quem passaria o resto dos dias de sua vida.

Este é um dos 49 contos e crônicas do livro
“A inescapável breguice do amor”



Últimas unidades da **1º edição**, com preço promocional, **dedicatória e marca-páginas exclusivos** + **.pdf** para você ler onde quiser: **R$ 24,90** + frete.

QUERO COMPRAR!
PAPODEGALO.COM.BR/LOJA

Disponível também para Kindle (promoção: R$ 5,99) e no Google Books.

POR GABRIEL GALO

A LOJA DE DISCOS DA AFONSO SARDINHA

Na rua do lado de casa tem uma loja de discos de vinil, destas em que tempo decidiu não passar. Numa casa antiga assobradada, geminada na proximidade, trabalhada na antiguidade. Na parede com tinta descascada, uma leve infiltração. Quadros improvisados, em vidro protegidos, capas de discos cujas bolachas já não mais tocam.

Chia ao fundo, pelo autofalante das caixas de som de antanho, com fios dependurados cruzando de cabo a rabo a comprida e estreita cava, um jazz em piano sublime. Acompanhava-o, como violoncelo ao violino, solavancos suaves da sujeira na agulha, ou do risco que já veio de fábrica, para dar aquela tonalidade vintage à prensa.

À espreita, no empoeirado armário na altura da cintura, em que se dedilham os quadrados encartes dos vinis, Belchior e Toquinho, irmãos de bigode, Gonzaga sorrindo, Caetano de tanga. Dorival olha o mar, Sinatra em coletânea, logo ao lado de Bethânia.

“Se quiser ouvir, pode testar.”

Assim me apalavra o senhor de cabelos brancos sentado no arremedo de balcão logo na entrada, com quem troquei um leve aceno de cabeça quando entrei e um quase sorriso.

“Porter?” Pergunto.

“Bom ouvido!”

Na parede do fundo há um ressuscitório de toca-discos que um dia foram topo de tecnologia. Todos à venda, ao gosto do freguês, do mais retrô ao mais insosso grafite. Um deles gira o Porter, o Porter da caixa de som presa por um prego enferrujado e torto, com fios dependurados, conexão de quase século do registro ao presente. Presente que é, senão, passado.

“Você tem um toca-discos?”

O senhor, honrando o vintage em personagem de si mesmo, se chega ao meu lado. Impossível distinguir o cheiro que exalava o velho homem da poeira guardada de todo o estabelecimento.

“Tenho”, respondo sorrindo.

Ele sorri satisfeito.

“Você já ouviu isso aqui?” Ele aponta para um Bing Crosby, “**Bing Sings Whilst Bregman Swings**”, intuindo meu gosto pelo jazz.

“Conheço”, embora o soubesse só de nome. Não poderia pescar sua voz numa fileira de cantoria.

“Ah!” Ele suspira. Sem hesitar, busca o disco e sobrevoa a agulha até “Cheek to Cheek”, clássico do cancioneiro norteamericano. A doce voz do cantante ecoa pelos falantes, compensando em suavidade a estrutura mambembe.

“Heaven, I’m in heaven
And my heart beats so that I can hardly speak
And I seem to find the happiness I seek
When we’re out together dancing cheek to cheek”

O senhor despeja uma lágrima solitária.

Ficamos em silêncio, lado a lado. Eu respeitando sua memória, ele absorvendo a chance de reviver um sei-lá-quando que lhe é tão caro. Quase no final da música, ele suspira alto, como se recuperando do baque, bate com o pé direito contra o piso, uma leve palma, "Quer um café?" Tira o Bing, guarda-o com cuidado dentro do encarte. Busca o Belchior, e Velha Roupa Colorida se ouve por entre as quatro paredes.

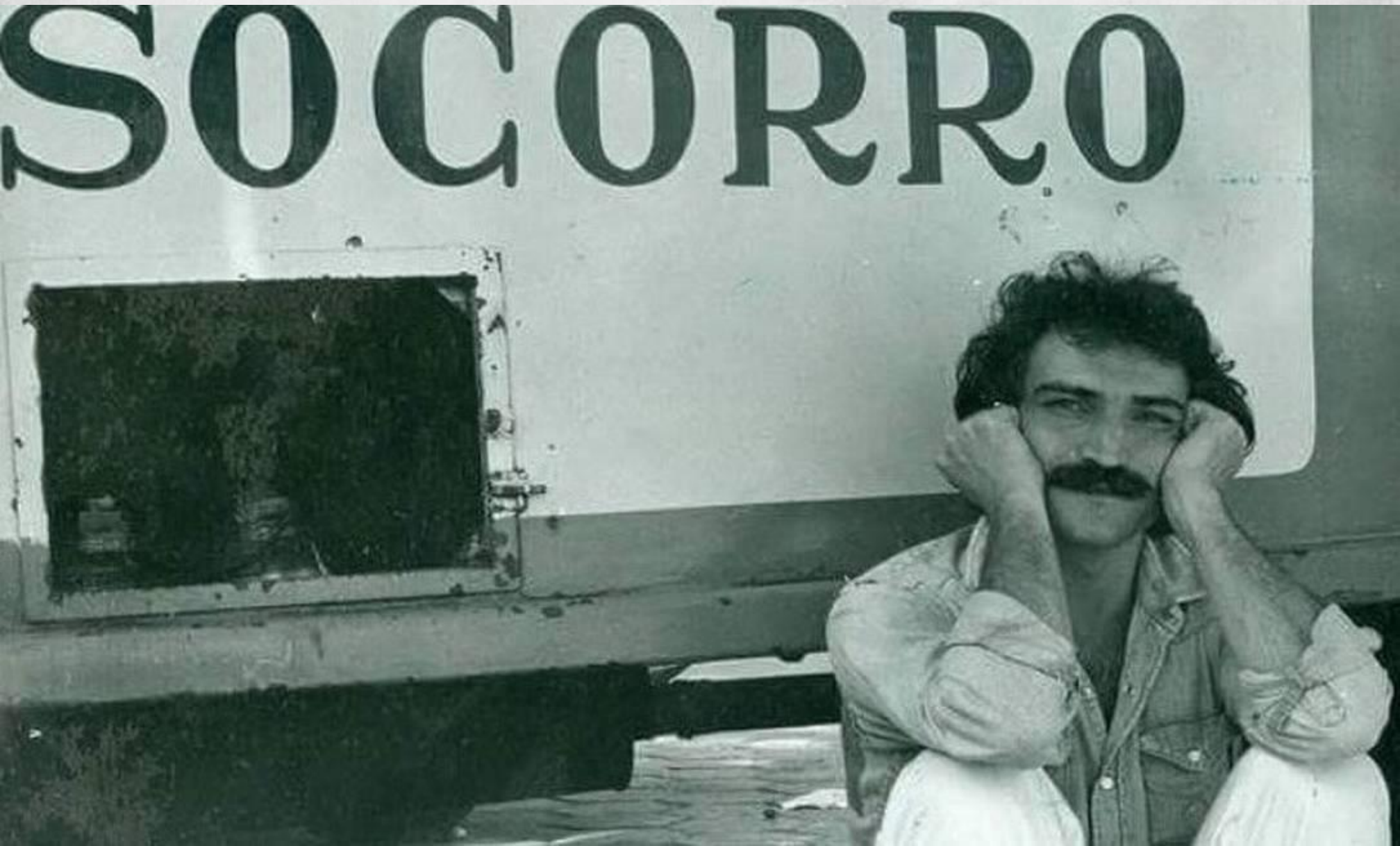
"Você não sente, não vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer
O que há algum tempo era novo, jovem
Hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer"

Ele coloca uma xícara de um café já morno e já adocicado. O cearense cantando, eu sentindo e vendo que para aquele senhor o seu tempo havia passado. Seus amores viam-se perdidos. Era o antigo em meio à modernidade, os bolachões contra os Spotifys e as mídias há muito renovadas.

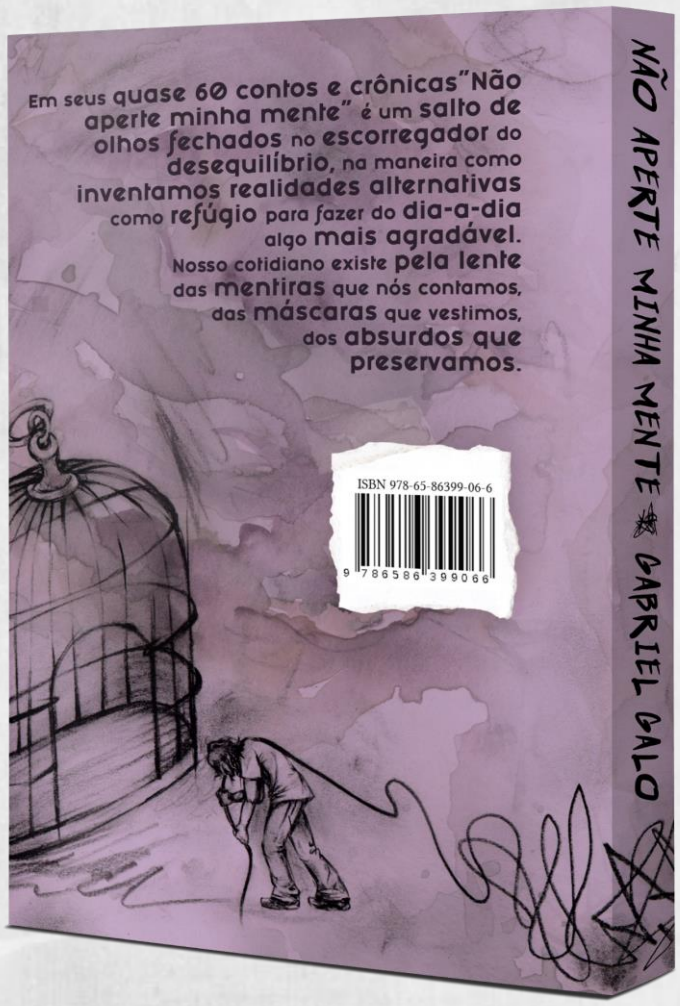
"No presente, a mente, o corpo é diferente
E o passado é uma roupa que não nos serve mais"

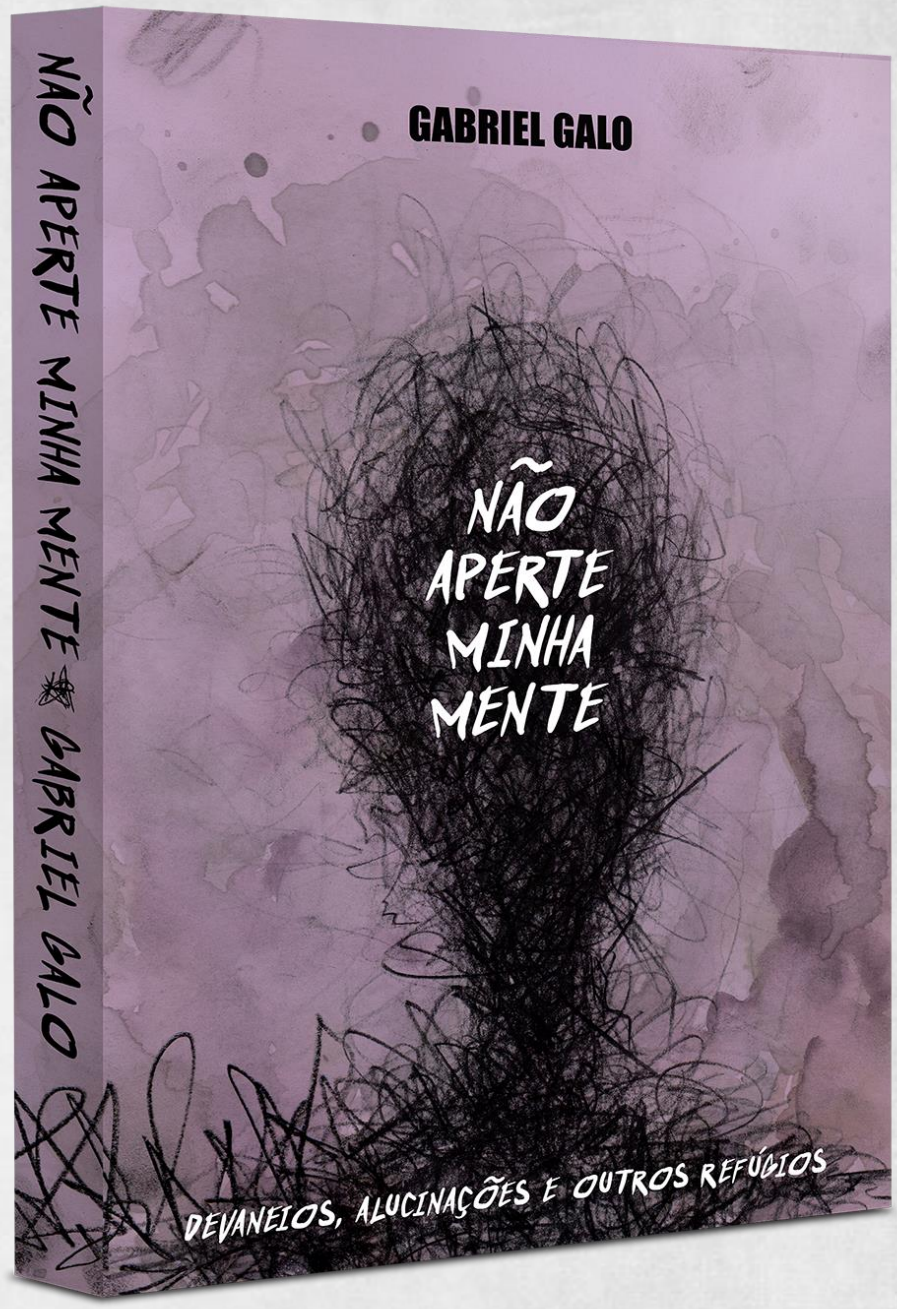
Vaga pelo passado, talvez em busca do controle de sua história, que o veste desconfortavelmente, ao mesmo tempo em que é a única pele capaz de cobrir-lhe a sua. A dicotomia dependência versus liberdade a lhe atormentar a mente.

"Assum preto me responde
o passado nunca mais.



Este é um dos 59 contos e crônicas do livro
“Não aperte minha mente”





Últimas unidades da **1º edição**, com preço promocional, **dedicatória e marca-páginas exclusivos** + **.pdf** para você ler onde quiser: **R$ 24,90** + frete.

QUERO COMPRAR!
PAPODEGALO.COM.BR/LOJA

Disponível também para Kindle (promoção: R$ 5,99) e no Google Books.

POR FLAVIA VASCONCELOS

A DIGNIDADE DO SIMPLES

"Oh chalana sem querer,
tu aumentas minha dor.
Nessas águas tão serenas
vai levando o meu amor."

Esse trecho da música Chalana, escrita por Mário Zan e Arlindo Pinto, cantada por tantas vozes, traz em si alguns dos ingredientes para uma boa história. A descrição do local onde se passa a cena, o conflito, e o olhar poético.

O local: o rio Paraguai. O conflito: um coração partido de uma mulher, e o arrependimento do homem. O olhar poético: a beleza da tristeza de um desamor. Pronto, está feita uma bela história, digna de luzes e tapete vermelho.

Exalto a beleza dos comuns para também incentivar o leitor a olhar para si com mais compreensão - e compaixão -, entendendo que as suas fraquezas fazem parte do todo. Sobretudo, ajudo o leitor a enxergar relevância em seu mundo, e assim poder escrever sobre o que tem por perto.

BESOURO. MENINO. GRILO

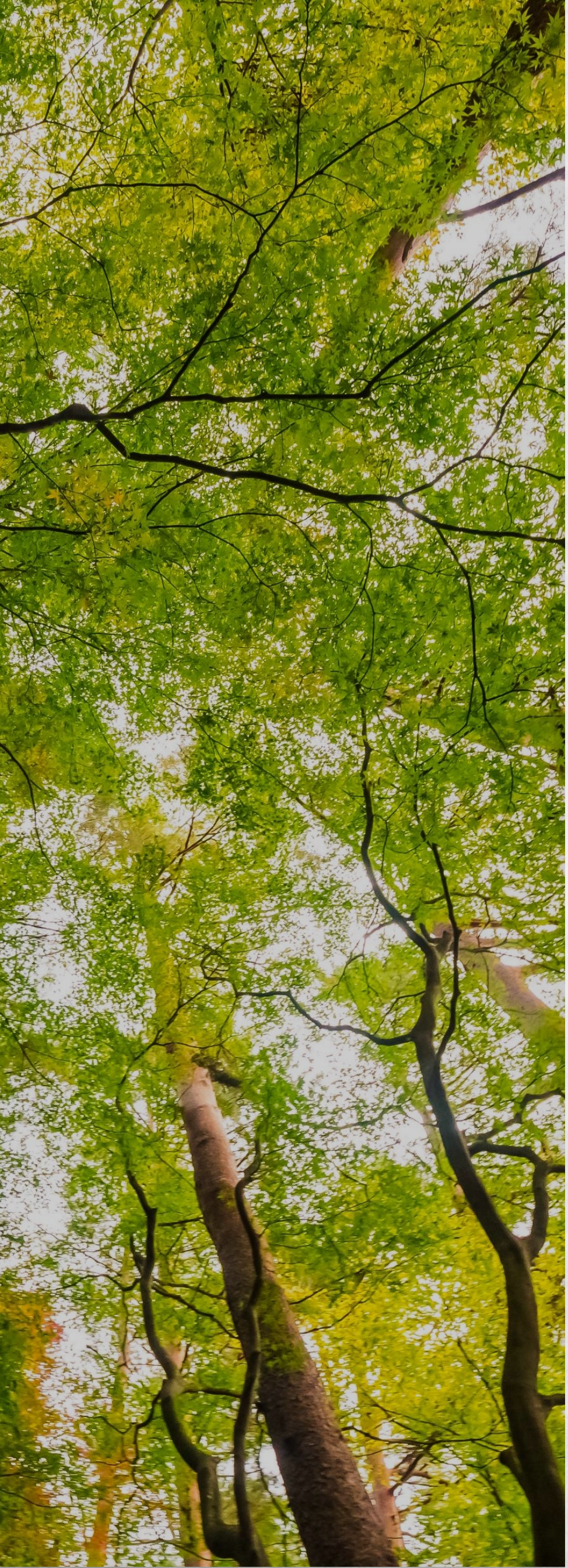
O escritor e poeta Manoel de Barros faz isso maravilhosamente bem na sua obra. Ele dá dignidade ao rio de águas serenas, ao grilo, ao besouro, ao menino. E tira deles pensamentos filosóficos complexos, mensagens profundas e de muita delicadeza.

É isso. Não complique, simplifique. E ao mesmo tempo muna-se de conhecimento profundo e complexo. Engrandeça o seu cérebro e o seu coração. E não esqueça dos seus sentidos biológicos e subjetivos. O cheiro, as cores, as texturas, a tristeza, a alegria, todos os sentidos fazem a diferença, quando descritos. O leitor se sente parte da história, se sente incluso.

Da janela da cozinha da casa dos meus avós se viu os filhos, netos e bisnetos da minha família crescerem. Uma cena simples. Esta imagem, que permanece viva e colorida dentro dos meus olhos, é como lenha na fogueira dos desejos. A minha fogueira, feita do meu desejo de compartilhar essa lembrança e tantas outras, através da escrita. De escrever sobre ser e estar no mundo, e o que o homem faz estando nesta condição.

Quais os seus feitos? Quais as vivências que podem deixar uma compreensão de mundo? E como escrever histórias de vida? Como deve ser o meu olhar diante do que me contam, de lembranças que não são minhas? Tantas perguntas... mas nenhuma que não possa ser respondida com um exercício simples.

"Child Playing", por Evariste Carpentier



MODOS DE VER

Pelo menos uma vez na vida você precisa deitar-se no chão embaixo de uma árvore e olhar para cima. Ter um tempo livre para ser parte daquele momento, ser parte daquela árvore, daquela grama, daquele sol. Sua visão será unicamente a copa desta árvore, só que de baixo. Verá o céu entrecortado pelos galhos e conhecerá as partes de baixo das folhas. Um novo tom de verde se apresentará, assim como uma nova árvore.

Um dia, no quintal de um casarão em Lençóis, na Chapada Diamantina, vivi essa experiência. Era um quintal extenso, com árvores altas e antigas. O tempo lhes deu copas tão volumosas que uma se misturava na outra, fazendo com que as muitas árvores parecessem uma só. Era início da manhã, e eu deitei no chão. Olhei para cima e conheci nova paisagem.

É assim com a escrita de histórias de vida. As pessoas se mostram mais inteiras quando as enxergamos por outro ângulo. Se quer escrever sobre as pessoas deve conhecer, dar tempo ao tempo, deitar-se aos seus pés como ouvinte e observador. Deixe ela falar, e ouça. Ouça não só a sua voz, mas o seu corpo. Um olhar, uma expressão, capte a essência dela, e assim captará a essência do seu texto.

Somos humanos, todos, mas não somos iguais. Temos muito a ensinar com nossas diferenças. Novas paisagens refrescam os ares e amplificam a consciência.

MÁQUINAS DO TEMPO

Histórias de vida de pessoas reais, de carne e osso, são combustíveis para a sociedade. As pessoas querem expressar a sua passagem pelo mundo, o seu legado, assim como conhecer a do outro, e o texto está aí para isso. As histórias perpetuam a vida, uma cultura, um modo de ver e viver. Emendam o fim com o início de cada geração.

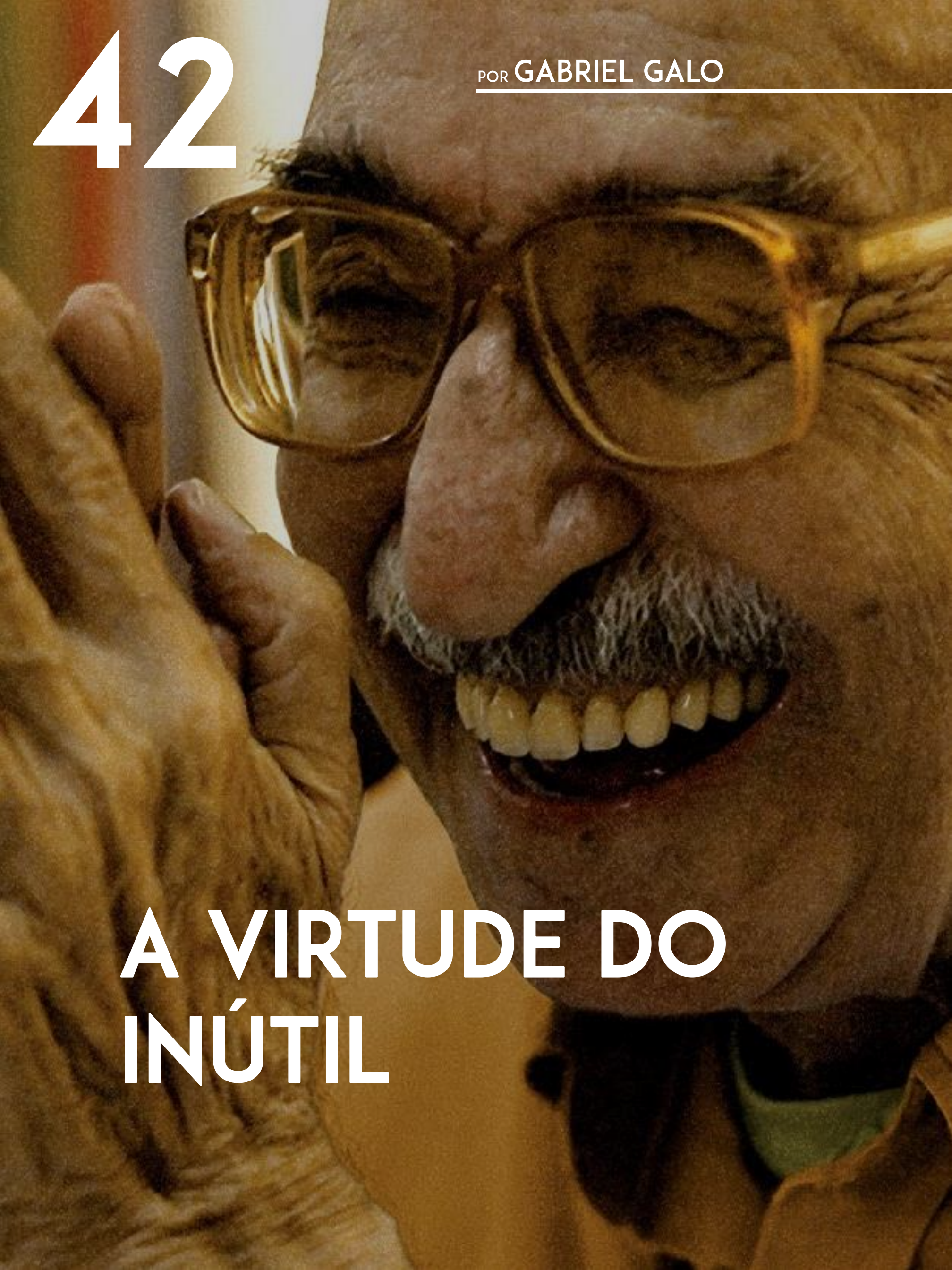
Ler e escrever sobre a vida de pessoas reais contribui para nos conhecermos e evoluirmos como seres humanos. É compreender que o homem imperfeito, é perfeitamente capaz de evoluir, tornando a humanidade e o mundo cada vez melhores.

Vamos ser máquina do tempo e narrar em palavras momentos simbólicos que já aconteceram. Ser espelho para refletir com êxito quem está na nossa frente. Ser um diário para passar confiança e ouvir desabafos, segredos, confissões. Ser filtro de pano para selecionar os prós e contras. Ser lua, ser sol, ser chuva, ser vento, ser brisa e temporal, para saber dosar as intensidades de uma vida.

Isso é ser escritor de histórias de vida, e te convido para entrar para o clube. Entre, puxe uma cadeira, vamos conversar sobre a vida, vamos observar o tempo, os ensinamentos, o nascimento de mais uma criança, o envelhecer dos tios, dos pais, dos avós. Olhar fotografias antigas, ler os bilhetes guardados dentro dos livros de romances. Olhar para trás e para o futuro. O futuro que estará garantido em seu texto.

Te espero, escriba.

POR GABRIEL GALO



A VIRTUDE DO INÚTIL

“A poesia está guardada nas palavras – é tudo que eu sei
Meu fardo é o de não saber quase tudo.
Sobre o nada eu tenho profundidades.
Não tenho conexões com a realidade.
Poderoso, para mim, não é aquele que descobre ouro.
Para mim, poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).
Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
Fiquei emocionado.
Sou fraco para elogios.”

Manoel de Barros, em “Tratado geral das grandezas do ínfimo”

Eu não descobri Manoel de Barros. Eu fui quase que obrigado e tropeçar em Manoel de Barros. Passados 11 dias de seu aniversário em 2013, escreveu-me meu pai:

“Querido,

Resolvi lhe dar três presentes. Pelos motivos que você verá ao ver o documentário e ler os dois livros, são presentes absolutamente inúteis, imprestáveis, inservíveis.

Se, contudo, suavizar um bocadinho a sua rotina e atrair alguns passarinhos para perto da sua janela, terá valido a pena entregar algum tempo para a contemplação dessas inutilezas todas.

Beijos, boa semana, beijos aos nossos”

A primeira vez que ouvi seu nome foi também com meu pai, uns anos antes, que me perguntou como quem não quer nada, se eu já tinha lido Manoel de Barros. Meu não soou quase como uma ofensa. Prometi buscar, não o fiz, e ele mesmo se encarregou de relembrar o tópico quando do e-mail acima.

Assisti ao documentário no mesmo dia, com link que ele proveu, e me encantei automaticamente com o mato-grossense de fala mansa e olhos escuros cheios de azul. Ontem, pela não-sei-qualésima vez, revi este mesmo documentário.

Manoel de Barros é desses poetas geniais que nasce a cada não-sei-quantos anos, fruto de uma brincadeira de criança do destino.

Diz ele no documentário que não sabe fazer outra coisa a não ser poesia. Que trabalhou para que a fazenda herdada de seu pai desse lucro para que ele pudesse ficar sem fazer nada o tempo inteiro. Dizia ser um “vagabundo profissional”. Equiparava escrever poesia a carregar água na peneira, a roubar vento:

“A mãe falou: meu filho, você vai ser poeta!
Você vai carregar água na peneira a vida toda.”

Afirmava que a poesia não era algo para ser explicado, mas para ser sentido. Sua poesia não respeitava métrica ou rima. Sua poesia, simplesmente, era. Quem lê poesia tentando identificar versetos, sonetos, quartetos, redondilhas e afins, a lê querendo provar conhecimento. Ler poesia é desromper-se do que amarra a norma. Fazer poesia, então, requer o tempo amarrado no poste.

“O Tempo só anda de ida.
A gente nasce, cresce, envelhece e morre.
Pra não morrer
É só amarrar o Tempo no Poste.
Eis a ciência da poesia:
Amarrar o Tempo no Poste!“

Inventava palavras e retratava o Pantanal com seu olhar de criança. Nunca deixou ser uma, gostava de dizer. O mundo é mais belo pela óptica de uma criança, livre de termos quadrados que limitam a imaginação.

“O rio que fazia uma volta
atrás da nossa casa
era a imagem de um vidro mole...

Passou um homem e disse:
Essa volta que o rio faz...
se chama enseada...

Não era mais a imagem de uma cobra de vidro
que fazia uma volta atrás da casa.
Era uma enseada.
Acho que o nome empobreceu a imagem.”

Manoel descrevia a vida sem linhas retas, mas com imagens que se delineiam em nossa cabeça. “A manhã abria as pernas para o sol”. Você vê a imagem melhor que a mais completa transcrição.

Brincava que 90% do que escrevia era invenção e só 10% era mentira.

Recluso, passava os dias em seu escritório a fazer poesia, ou “lugar de ser inútil”. Disse ele que “a poesia é a virtude do inútil”. É o belo elevado às últimas consequências.

“Há muitas maneiras sérias de não dizer nada,
mas só a poesia é verdadeira
(...)
Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria.
Não preciso do fim para chegar.
Do lugar onde estou já fui embora.”

A beleza de sua simplicidade evoca o que existe de mais puro em quem o lê.

“Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
Para gostar de passarinho.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior que o mundo.”

Via-se como artista, sempre soube sê-lo. Era mestre em dar-se menos relevância do que os outros lhe impingiam, mas se orgulhava de ser o poeta que mais vendia livros no Brasil.

"A maior riqueza
Do homem
É sua incompletude.
Nesse ponto,
Sou abastado."

Fico ziguezagueando continuamente em sua obra. Indo e vindo para achar uma pequena fortuna de palavras que passaram despercebidas aqui e acolá. Vejo-o em Guimarães Rosa, companheiro de novo idioma. Vejo-o em Mário Quintana, quando este escreveu:

"Todos esses que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!"

Volto à mensagem de meu pai e percebo que abrir um livro de Manoel de Barros é atrair uma revoada de passarinhos, que vão se acostar tranquilos em minha janela, observando-me, de bico em sorriso. Desfaço-me como gente e me refaço como passarinho, voando com eles para onde quer que a imaginação me leve. Mais do que a contemplação das inutilezas às quais meu pai se referia, vejo-me como uma inutileza. Somente quem perante o passarinho não se hierarquiza pode falar sua língua. Vejo que do lugar onde estou já fui embora. Transvi em transe minha existência.

"O olho vê,
A lembrança revê
A imaginação transvê

É preciso transver o mundo"

Acorde-me quando a cobra de vidro que faz uma volta atrás de casa não for mais uma enseada.

ALICE GAMA

@alicegamam

SALVADOR.

PRAIA DA PACIÊNCIA

EM ALGUMA ÉPOCA...

SALVADOR.

PRAIA DA PACIÊNCIA

EM ALGUMA ÉPOCA...

50

POR EDUARDO GALDURÓZ

VOTO DE CABRESTO

Velório de roça é se achegar direitinho, eu sei do tanto que feito. Morto velho, mais melhor; o ar despejado beneficia a prosa. Já criança defunta eu nem não gosto, encatiça. Me avizinho da roda, campeio: o finado era gente do Alves, viúvo ruim de doença longa, família desarreada do encargo. Quase feliz, a função. Bom. Arrodeio a sala, encosto a mão do defunto, persigno duas vezes, que na primeira a filha, acho que é aquela, não tava olhando. Meus sentimentos, minha comadre, agora ele tá é com Deus e a senhora lá dele. Hora dessa, importa falar coisa inspirada; de voto não, voto nem se menciona, negócio é cavucar maneiro, mostrar estampa. Invento ali um parentesco de primo, gente do Alves dá no lugar todo. A filha se emociona, ou faz. Aí que se dá. Encharcado em cachaça, camisa aberta no embigo, pescoço de peru, o senhorzinho entra e se desparrama no caixão, arrepetindo amigo velho amigo velho. Filho duma. É choro sentido, eu não venço choro sentido; desatrapalha tudo, estraga o quarto, trunca o proseio. A prima me olha, é preciso energia. Pego o deslambido pela fralda, desenlaço um tapão no meio da fuça, de estralar. É o barulho que humilha, doer assim nem dói. Sai daqui, excomungado, respeitar a memória do extinto. Ele se arrasta pra fora, soluçando descompasso. Tudo certo. Povo gosta é de coisa-em-ordem, uns vinte votos, quando pouco, esse tapa me engarantiu.

51

POR CASSIMILA EZNAB

PEPETA

— Gente tem perna pra quê? Nasce com cabeça, braço, mulher com peito, homem com pinto, suvaco, pescoço, mão. Dedo pra danar. Às vezes vem coisa faltando, às vezes perde no caminho, mas tudo com perna pra quê?

Minha chinela dura pra mais de ano porque eu piso macio, fia. Num saio avoada que nem vocês não, sem respeito pra cima nem pra baixo. Depois num sabe por que tá tudo doido... Onde já se viu? O deslocar tem seu tempo. Vou rezando cada passo até com o pé. Se satanás vem no meu caminho, sai de ré. Essa terra toda aqui eu reconheço. Desde o umbuzeiro do primeiro filho de Rita até Serra dos Cavalos e do outro lado o Itaíba. Sei quando fazem plantação sofrer, quando venderam bode, quando entregaram pro sol, lembro seca e cheia, cheia e seca.

— Mas, tia! São 5 km, de carro a gente chega rapidinho...

— Minha fia, vamos findar brigando! Não ofenda minha chinela.

52

POR GABRIEL GALO

IGNORÂNCIA É O DIA

O dia nasceu de um azul estonteante.
Que horror.
Erguia-se o brilho com beleza ignorante, soberbo e desprezando o momento.

Na praça em frente da janela, de onde observo entre paredes de frio cimento, crianças brincam. Uma senhora passeia com seu cachorro, teclando sei-lás no celular, coleira navegando o rabo-abanante bicho. O ônibus na avenida lá pra direita passa cheio. Rostos só de olhos, mãos e suor no pano.

Como não estamos todos no limite da indignação? Ou esta já foi, por cansados e necessitados?

O vento úmido da noite foi prenúncio de um dia seguinte mais adequado. Nuvens acinzentavam o cenário. As crianças, talvez com medo da chuva que pingava leve e sem vontade, recolheram-se. Nos ônibus, corpos menos suados.

Por entre a cortina da janela, invisível, fito uma pequena planta na praça em frente. Perseverante, cresce por entre frestas. Cada gota de chuva que nela se cai, amplia seu verde.

Que horror. Erguia-se frágil e com beleza ignorante, soberba e desprezando o momento.

Será ela incapaz de compreender o seu destino, de plantinha insignificante, talvez daninha, certamente ignorada?

Mais um dia regressa, de sol escaldante, belo e inapelável. Crianças e suas zoadas, ônibus cheios de olhos sem bocas, o cachorrinho que deixa seus dejetos, de dona que finge não ver, imersa em seus mais necessários toques no smartphone.

Menciono reclamar, como se do além a vigília profanando a culpa viesse para repreender o horror com o cotidiano tão simplesmente ignorante, tão irritantemente constante.

De longe vem o grupo. Vestes de tecido pesado. Vassouras, pás, carrinhos. Retiram plásticos, bitucas, folhas, o excremento do cachorro – quero gritar que este não, falta a lição – e o que mais encontram, relocando os restos para o saco do fim.

Um porta uma enxada. Sinto meu pulsar alinhado ao labor de cortar pela raiz um insolente soerguido onde não deve. Avista o alvo, e minha respiração cessa.

Numa enxadada precisa, a plantinha improvável, robusta em verde, ignorante ao extremo, encontra seu destino provável. Outros clinques metálicos se seguem, como se a extirpar possibilidade de vida.

Penso gritar.

Mas quem há de enternecer-se por vida tão sem sentido?

Que horror.

54

FOLHETIM

TU ÉS O GRANDE AMOR DA MINHA VIDA:

AS AVENTURAS DA BOLA NA CIDADE DE SALVADOR

por Paulo Leandro

POR PAULO LEANDRO

(CAPÍTULO 2)

YPIRANGA VENCE O RACISMO NA REPÚBLICA DA BOLA

Salvador deve ao Vitória o fortalecimento identitário de sua juventude, pela via do desporto, em uma época de intensas transformações nas feições da cidade. E deve ao Ypiranga, por sua coragem e obstinação no enfrentamento do racismo.

Uma sociologia do Ypiranga poderia representar um esforço para pensar esta trincheira do bem comum, tendo como limite a impossibilidade de explicar como há pessoas e, no caso, um clube que escapa à influência do seu tempo.

Como não ser racista num tempo em que as teses de Lombroso, aceitas na academia, tinham como pressuposto a determinação do tipo biológico para o perfil psicológico, que explicariam desde os crimes à sexualidade?

Os efeitos da rejeição podem servir de trilha para compreendermos este leve desespero que produz a mudança histórica. Quem bate, esquece. Quem apanha, lembra. E dói lembrar mutilação, castração, estupro...

A rejeição dos britânicos, no cricket, fez os 19 rapazes criar o clube brasileiro da Vitória. Agora, a história dava mais um passo ligeiro à frente, com a liderança dos ypiranguenses, na rejeição ao racismo que o mesmo Vitória defendia.

Apesar de libertos, os negros ainda tratados como coisas, diferente de gente por conta de seu aspecto associado a macacos e sua pele marcadamente retinta por cargas de melanina acima do nível tolerado para se identificar o cidadão de bem.

Os intelectuais reforçavam as teorias racistas que consideravam a miscigenação excessiva do brasileiro como um impedimento para o engrandecimento e a construção de uma verdadeira nação progressista.

O futebol sustentava esta tese. Não se permitiam jogadores negros, até que o então 7 de Setembro, primeiro nome do Ypiranga, decidiu aceitar os ex-escravos. Negros com brancos, sob as mesmas leis! Absurdo: então, esta é a tal república!?

O Ypiranga acolhia e incluía quem estava fora do jogo: comerciários, soldados, estivadores, feirantes, artesão e os semofício, contingente que não era pequeno, pois não se preparara as senzalas para viver em lógica de liberdade de mercado.

Esta aceitação de gente sem eira nem beira foi um acinte inaceitável num contexto de atletas nascidos e criados nos casarões da elite, embora parte deles, baianos mistos, sofressem com erros étnicos, cabelo crespo, pele torradinha...

O Mais Querido escreve, assim, uma das mais belas páginas do nosso futebol, ao denunciar o racismo, o que pode ser negramente demonstrado na revelação de craques em seus quadros campeões dos anos 1910 e principalmente dos anos 1920.

Um desses craques desassuntados é o nosso melhor e mais completo jogador baiano de todos os tempos, nome da rua principal do quilombo do Engenho Velho da Federação: **Apolinário Santana**, ou simplesmente, Popó.

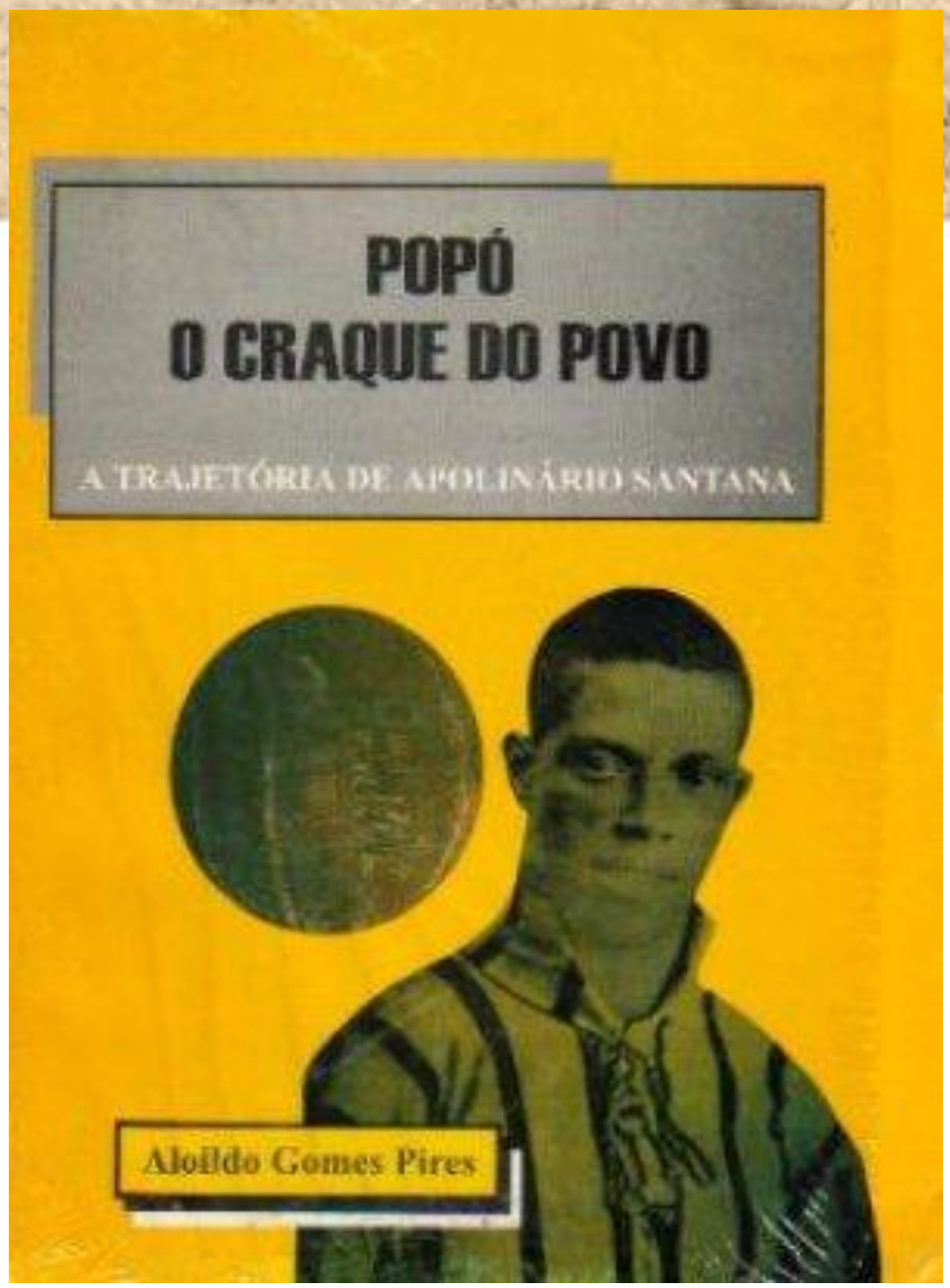
Uma homenagem perfeita em um bairro repleto de candomblés, puxando aqui a brasa para o jeje de Mãe Índia, o Bogum, na Ladeira do Manoel do Bonfim, número 35, meu domicílio religioso, cada vez mais resistente à intolerância.

Popó começou a jogar aos 14 anos e brincou em todas as posições, até de juiz, ainda que tenha se destacado mais como meia e artilheiro. Graças a sua condição de negro e craque, calou a boca dos racistas com manchetes em jornais e revistas.

A revista Vida Sportiva dedicou capas a Popó, para fazer justiça ao jogador que inspirou os primeiros versos declamados em coro pelos frequentadores dos precários quadriláteros baianos.

Em 1999, o escritor Aloildo Gomes Pires lança o livro "Popó, o craque do povo - Trajetória de Apolinário Santana".

O Ypiranga é time de coração de ilustres baianos como Jorge Amado e Irmã Dulce.



O xará do 'boxé' famoso, Popó ficou famoso pelas acrobacias e malabarismos. Moldou o futebol a seu jeito, uma arte reinventada pelo talentosíssimo perfil brasileiro de ser sutilmente malandrinho.

Além de fazer justiça aos negros, esta segunda fase do futebol oferece outro aspecto muito positivo, que desprezamos quando cedemos às imposições do mercado, ao centrar atenções no clássico Bahia x Vitória, a partir dos anos 1950.

Abandonamos a pluralidade que tanta riqueza cultural nos oferecia. Times eram fecundados em cada esquina. A bola estava ao alcance, muito antes das fábricas a produzirem. O improviso, pai e mãe da criatividade, inspirava os craques.

Pax, Aquidaban, São Bento, Royal e Auto-Bahia foram criados por vizinhos apaixonados por aquela coisinha redonda, saltitante e gostosa. Mais ou menos como ocorre nas ligas reunidas na associação ironicamente chamada Fefa.

Muito antes da fundação de seus xarás de Alagoinhas e Feira de Santana, tivemos em Salvador um Atlético e um Fluminense campeões nestes anos fartos. Eram também várias as ligas, como a de Brotas, mais famosas que a Liga oficial.

Ao visitar Salvador, o jogador brasileiro mais famoso da era pré-Pelé foi jogar em Brotas. Sim, Friedenreich, o famoso El Tigre, filho de um alemão com uma lavadeira brasileira, bateu seu babinha entre nós.

Neste tempo de compartilhamento do futebol ao infinito, ninguém era de ninguém, pegação geral, poliamor fluindo à bola fluindo nos bairros e o futebol ganhando corações sem precisar casar. Liberdade é uma bola quicando sem dono.

Nesta coletiva alegria de amor à bola, sem ciúme nem posse, um amante marcante, apesar de toda a beleza negra do Ypiranga, foi o campeão de 16, o República, cuja rica história poderia ser ensinada nas escolas baianas.

Enquanto amava a bola, o República foi complementar ao Ypiranga porque alertava no nome para que o mundo livre vem de oportunidades iguais para todos, sem rancores ou ressentimentos de classe ou etnia.

Defensor das cores verde e amarelo, o República migrou para o futebol, os princípios do ideal que homenageava no nome. Se o Vitória afirmou nossa juventude e o Ypiranga defendeu nossa periferia, o República uniu todo mundo.

A *res publica*, ou 'coisa pública', mais uma dívida eterna da civilização ocidental com os gregos, estava ali representada em um time campeão da cidade, que tinha como apanágio a frase 'direitos e deveres iguais para todos'.

Como se o futebol fosse escola de ética e paixão pela instituição republicana, o campeão de 16 chamou tanto a atenção por suas qualidades ideológicas, além da categoria com a bola no pé, que não resistiria muito tempo.

Embora proclamada, a república jamais foi bem-vista pelas elites e donos dos meios de produção, que engoliram o fim da monarquia, aceitaram a abolição, mas combatiam qualquer vestígio de construção de uma sociedade justa.

A lógica monarquista continua até hoje, com seus 'sinhôzinhos' das melhores famílias dominando áreas estratégicas, daí o monitoramento de toda manifestação que possa desdobrar em luta por defender a república a cada aurora.

Fica aqui, pois, aos republicanos convictos e incessantes, nossa saudação aos heróis do valoroso República, campeão da cidade da Bahia de 1916 e de todos os anos de nossa vida política desde sempre.

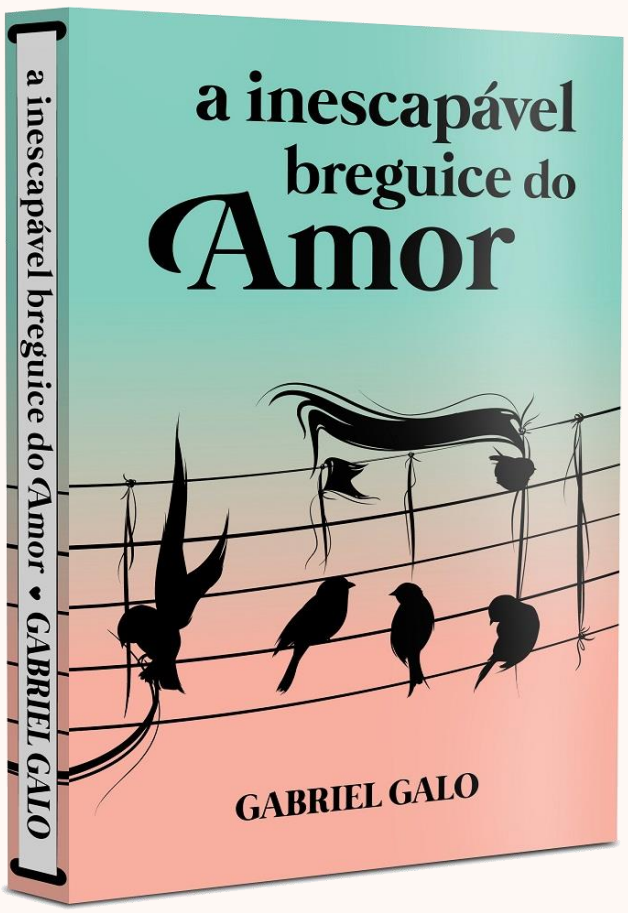
Viva o República, ao som de Edson Gomes: "a nossa luta não acabou" , e do hino ao Dois de Julho, "com tiranos não combinam brasileiros corações..." República, minha vida, República meu orgulho, República, meu amÔÔÔÔ...

SPORT CLUB REPÚBLICA

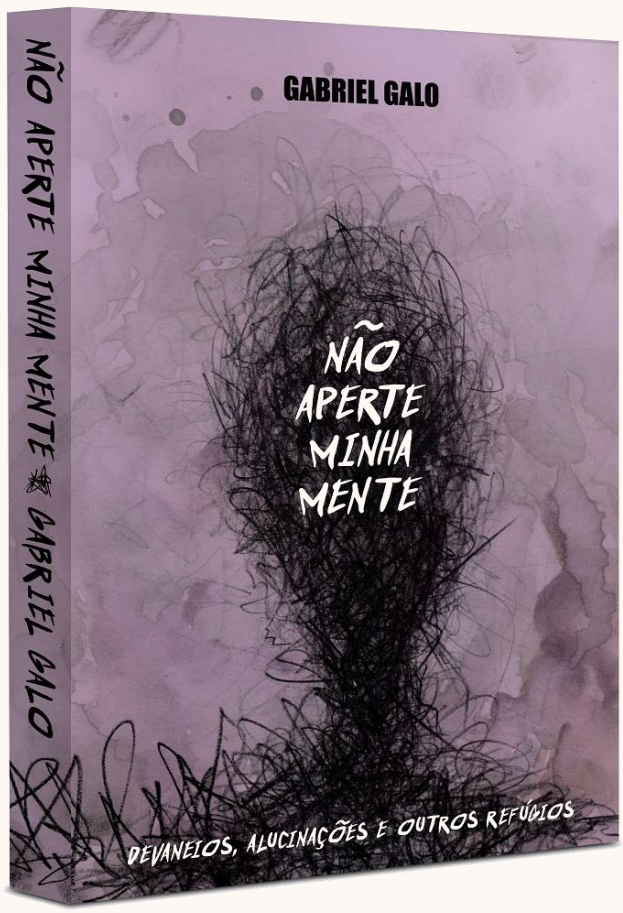
CAMPEÃO BAIANO
1916

HORA DO MERCHAN

COMPRE JÁ OS 2 NOVOS LIVROS DE **GABRIEL GALO** COM SUPER DESCONTO. AGORA. VAI. CORRE.



A inescapável breguice do amor
(2020, 200 páginas)



Não aperte minha mente
(2020, 208 páginas)

Últimas unidades da **1º edição**, com preço promocional, **dedicatória e marca-páginas exclusivos** + **.pdf** para você ler onde quiser: **R$ 24,90** cada + frete.

QUERO COMPRAR!
PAPODEGALO.COM.BR/LOJA

Disponível também para Kindle e no Google Play.